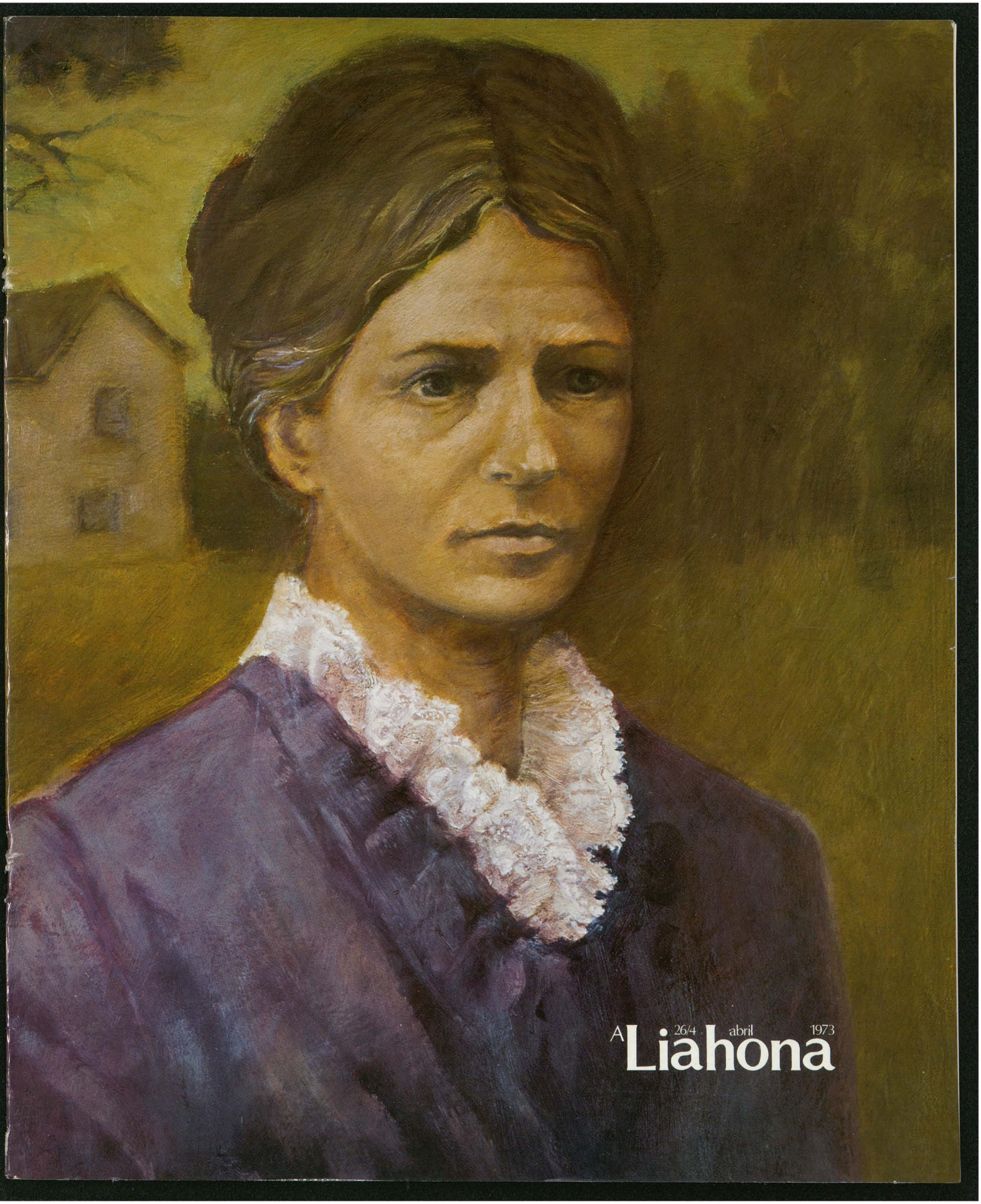


A Liahona 26/4 abril 1973



MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

Theodore M. Burton

O mundo necessita é da direção de um profeta verdadeiro que, conhecendo o pensamento e a vontade de Deus, pode falar em nome dele com poder e autoridade, dizendo: — Assim diz o Senhor!

E esse dia chegou! Não veio pela sabedoria do homem, mas em resposta a uma singela oração de Joseph Smith, um rapaz residente no Estado de Nova York, que entrou num bosque perto de Palmyra, a fim de simplesmente indagar de Deus: "Qual igreja está certa?" Esse adolescente não fazia a mínima idéia de que estava para começar uma nova dispensação da misericórdia e bondade de Deus. Naquela época, não havia na terra um profeta vivo que o ouvisse. Deus não dispunha de nenhum meio de responder à sua pergunta, a não ser que o fizesse pessoalmente.

Atendendo àquela simples oração, dois personagens apareceram a Joseph Smith. Um deles falou e, apontando para o segundo, apresentou-o com estas palavras: "Este é o meu Filho Amado. Ouve-o!" (Joseph Smith 2:17) Foi o próprio Jesus Cristo vivo e ressurrecto, o Filho de Deus, quem instruiu Joseph Smith, dando, assim, início a uma nova dispensação do genuíno conhecimento de Deus. Ele disse a Joseph que nenhuma igreja então existente na face da terra tinha autoridade para falar em seu nome. Explicou-lhe ainda que, depois de devidamente preparado e de haver recebido a autoridade sacerdotal, ele, Joseph, seria o primeiro de uma série de profetas vivos em nossa era, os quais deviam instruir e abençoar a humanidade, exatamente como faziam os profetas do passado.

Presto-vos meu sagrado testemunho de que Deus vive, que Jesus Cristo é o seu Filho vivente — nosso Salvador, nosso Senhor, nosso rei. Testifico-vos que Jesus Cristo fala hoje em dia aos habitantes do mundo através de profetas vivos. Testifico que o Sacerdócio de Melquisedeque está novamente sobre a terra em toda a sua majestade e poder, e que existem agora apóstolos e profetas autênticos, que podem dizer e realmente o fazem: — Assim diz o Senhor!

NESTE NÚMERO

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO 2
Theodore M. Burton

A REVISTA DESTE MÊS 3

A VERDADEIRA IGREJA 4
Élder LeGrand Richards

LUCY MACK SMITH... 8
Jayann Payne

O TESTEMUNHO DE JESUS 16
Élder Bruce R. McConkie

SALVAÇÃO E EXALTAÇÃO 18
Élder Theodore M. Burton

O HORIZONTE ETERNO... 20
Élder Joseph Anderson

GINO E O ESTRANHO 23
Bernadine Beatie

RUTH 27
Mary L. Lusk

De Um Amigo Para Outro 28
Élder James E. Cullimore

PARA DIVERTIR 30

Use Aquilo Que Tem 31
Robert K. Thomas

PERGUNTAS E RESPOSTAS 32

Água Que Faz Andar as Rodas 36

Ela Ainda Ensina do Passado 38
Beth C. Paullin

DAVID O. MAcKAY... 41
Leon R. Hartshorn

CAPA

A capa deste número reproduz um retrato pintado de Lucy Mack Smith, esposa do patriarca da Igreja, Joseph Smith Sr., e mãe do Profeta Joseph Smith Jr. Ela devia ter então uns quarenta e cinco a cinqüenta anos de idade, e o quadro mostra a família Smith aguardando a volta de Joseph Jr. de uma de suas visitas ao Monte Cumora. A pintura é de autoria de Howard Post, da equipe de desenhistas do **Ensign,** a revista da Igreja para adultos, em inglês.

A Liahona 26/4 abril 1973

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Harold B. Lee
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675 - 282-5948

EDITOR
Osiris Grobel Cabral

REDATOR
Wilson Roberto Gomes

ESTACA SÃO PAULO
R. Brig. Faria Lima, 1980, São Paulo, SP

ESTACA SÃO PAULO LESTE
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP

CORRESPONDENTE
Dante T. J. Pantiga

ESTACA SÃO PAULO SUL
R. Catequese, 432, Santo André, SP

CORRESPONDENTE
Alfio Benassi

ESTACA DE CURITIBA
R. Gottlieb Muller, 96, Curitiba, PR

MISSÃO BRASIL CENTRAL NORTE
R. Henrique Monteiro, 215
CP 20.809, São Paulo, SP - Tel. 80-4638

CORRESPONDENTE
Lyman. Daryn

MISSÃO BRASIL CENTRAL SUL
R. Ernesto Pelosini, 88 - S.B.C.; S.P.

CORRESPONDENTE
John S. Bickmore

MISSÃO BRASIL SUL
R. Princesa Isabel, 342
CP 1513, Porto Alegre, RS - Tel. 23-0748

CORRESPONDENTE
Mauro G. de Freitas

MISSÃO BRASIL NORTE
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
CP 2502, ZC-00, Rio de Janeiro, GB - Tel. 225-1839

CORRESPONDENTE
Alfredo H. Lemos

CONSTRUÇÃO GERAL NO BRASIL
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP - Tel. 288-4118

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressôras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano, e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Prado, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 15,00; para o exterior, simples: US$ 3,00; aérea: US$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 1,50; exemplar atrasado: Cr$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A REVISTA DESTE MÊS

Neste mês comemoramos a organização d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ocorrida a 6 de abril de 1830. De seu humilde início, com apenas seis membros oficiais, a Igreja cresceu, tornando-se uma organização de âmbito mundial, com mais de três milhões de membros. Nos doze anos de 1960 a 1972, a congregação total da Igreja aumentou noventa e quatro por cento, com um crescimento percentual de duzentos e cinqüenta fora dos Estados Unidos.

A apostasia da verdadeira igreja de Cristo e sua subseqüente restauração e progresso, foram profetizados tanto no Velho como no Novo Testamento. Nosso primeiro artigo é um sermão do Élder LeGrand Richards, que trata dessas profecias e respectivo cumprimento.

Temos igualmente o prazer de apresentar-lhes neste número — "Lucy Mack Smith: Uma Mulher de Grande Fé." É um vislumbre do aspecto pessoal na história da Igreja — fatos de uma mulher notável, a mãe do Profeta. Muitos dos acontecimentos da restauração são vistos através dos olhos dela, sendo mencionada também a vida familiar da infância e adolescência do Profeta.

O presente número inclui ainda vigorosos e motivadores sermões dos élderes Bruce R. McConkie, Theodore M. Burton e Joseph Anderson.

"Use o Que Tem" e "Água Que Faz Andar as Rodas" são artigos de interesse geral, mas particularmente para a juventude.

A VERDADEIRA IGREJA

Um estudo das profecias concernentes à grande apostasia

Disse o Presidente Joseph Fielding Smith: "A obra do Senhor triunfará. Nenhum poder na terra poderá impedir o desenvolvimento da verdade e a pregação do Evangelho em todas as nações."

Disse ainda mais: "O Evangelho irá avante até cobrir a terra inteira." Se o Evangelho é para ir avante e cobrir a terra inteira, que grande responsabilidade temos nós, os santos dos últimos dias e nossas famílias, em ajudar que ele se espalhe pela terra toda. No mundo de hoje, não existe outra mensagem tão valiosa para nossos vizinhos e amigos que não são membros desta igreja, como prestar testemunho da restauração do Evangelho.

Recordo as palavras do antigo apóstolo, Pedro, quando falava aos santos de seu tempo:

"...vós sois a geração eleita, o Sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, (Por quê) para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. (I Pedro 2:9)

Nesta conferência, temos sido admoestados a fazer nossa luz brilhar de tal maneira, conforme falou Jesus, que os outros, vendo as nossas boas obras, sejam levados a glorificar nosso Pai que está nos céus. (Vide Mateus 5:16)



Elder LeGrand Richards

Do Conselho dos Doze

Paulo diz-nos: "...a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus." (Rom. 10:17)

"...e como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?... (Romanos 10:14-15)

De sorte que sobre este povo recai a grande responsabilidade de prestar testemunho ao mundo inteiro do que fez o Senhor para restaurar a sua verdade na terra, nesta dispensação.

Quando os discípulos de Jesus lhe pediram um sinal da sua segunda vinda, ele falou-lhes de guerras e rumores de guerras, de pestilência, terremotos e fome, e de que nação se levantaria contra nação. Depois, acrescentou:

"E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim." (Mateus 24:14)

E onde procurar, hoje em dia, esse Evangelho do reino ao qual Jesus se referiu? Não segundo a interpretação humana das Escrituras, mas onde está o poder divino, tal como Jesus deu aos Doze, quando disse:

"Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei..." (João 15:16)

"...e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus..." (Mateus 16:19)

Qualquer um poderia organizar uma igreja e tirar das Escrituras certas passagens em que baseá-la, mas como conseguir um ramo vivo de árvore morta? Como dar-lhe o poder e a autoridade para agir em nome do Senhor?

Seria tão impossível como querer agir em nome do prefeito da cidade, governador do estado ou presidente do país, sem estar devidamente comissionado para tal. Tampouco pode-se trabalhar efetivamente no Reino de nosso Pai Celestial, sem possuir a autoridade divina recebida de alguém que tenha o direito de concedê-la.

E por isso estamos aqui como testemunhas da restauração do Evange-

lho, e testificamos ao mundo inteiro que sabemos que Cristo vive, que nosso Pai vive, que eles visitaram esta terra. Como foi dito naquele hino sobre o Profeta Joseph, ele anunciou que, em resposta à sua indagação sobre qual igreja deveria escolher, foi-lhe dito que não se filiasse a nenhuma delas, pois que ensinavam como doutrina meros mandamentos e preceitos dos homens.

Penso que, se as pessoas tivessem a mente um pouco mais aberta, não seria tão difícil saberem aonde encontrar a verdade. Naturalmente usamos a Bíblia como guia para ajudarnos na busca da verdade. Sinto-me sempre profundamente impressionado por determinada experiência vivida pelo Élder Orson F. Whitney, quando era membro do Quorum dos Doze, e relatada por ele em uma de nossas conferências. Gostaria de lê-la para todos vós:

"Há muitos anos, um homem instruído, membro da Igreja Católica Romana, veio a Utah e falou no púlpito do Tabernáculo de Salt Lake City. Tornamo-nos bons amigos, e conversamos livre e francamente. Tratava-se de um erudito, que falava corretamente pelo menos uma dúzia de línguas, demonstrando grande conhecimento de teologia, leis, literatura, ciência e filosofia. Um dia, ele me disse: "Vocês, mórmons, são todos uns ignorantes. Não compreendem nem mesmo a força de sua própria posição. Ora, ela é tão forte, que há somente outra comparável em todo o mundo cristão, e esta é a Igreja Católica. Só entram em questão o catolicismo e o mormonismo. Se estivermos certos, vocês estão errados; se vocês estiverem certos, nós estamos errados e isto é tudo. Os protestantes são indefesos, pois, se estivermos errados, eles estão conosco, porque são parte de nós e saíram de nós; enquanto se estivermos certos, eles são apóstatas de quem nos afastamos há muito tempo. Se tivermos a sucessão apostólica de São Pedro, conforme afirmamos, não há necessidade de Joseph Smith e do mormonismo; mas, se não tivermos essa sucessão, então havia necessidade de um homem como Joseph Smith, e a atitude do mormonismo é a única consistente. O Evangelho, ou se perpetuou desde os tempos antigos, ou foi restaurado em tempos modernos." (LeGrand Richards, **Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro,** p. 3)

Bastaria que as pessoas refletissem para chegar necessariamente à conclusão de se tratar de uma afirmação correta, se quiserem encontrar o que Jesus afirmou ser o Evangelho eterno que seria pregado em todo o mundo como um testemunho a todas as nações, antes que voltasse à terra.

Não podemos estudar as sagradas Escrituras sem saber que os profetas declararam uma apostasia da igreja original. Quando João, o Revelador, estava banido na Ilha de Patmos, apareceu-lhe o anjo do Senhor e disse-lhe: "Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer." (Apoc. 4:1)

Então, mostrou-lhe todas as coisas, desde a guerra nos céus até a cena final; mostrou-lhe o poder que seria dado a Satanás para combater contra os santos (e estes eram os seguidores de Cristo na sua igreja); e falou que lhe foi dado poder sobre toda a tribo, e língua, e nação. (Vide Apoc. 13:7) Por que motivo isto devia constar das sagradas Escrituras, se o Evangelho iria continuar na terra desde os tempos de Pedro até a época presente?

Paulo advertia constantemente ao povo de sua época que não esperassem a vinda de Jesus antes que houvesse uma apostasia e se manifestasse o homem do pecado. (Vide II Tess. 2:1-4) Outros profetas testificaram igualmente quanto ao dia em que haveria fome na terra. Diz o Profeta Amós:

"Eis que vêm dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede

de água, mas de ouvir as palavras do Senhor.

"E irão vagabundos de um mar até outro mar, e do norte até ao oriente: correrão por toda a parte, buscando a palavra do Senhor, e não a acharão." (Amós 8:11-12)

Por quê? Porque era impossível achá-la sobre a terra.

Se o Evangelho devia permanecer na terra, então por que, quando o anjo do Senhor mostrou a João que Satanás faria guerra aos santos e sujeitaria toda tribo, língua e nação, ele teria que fazer exceção quanto àqueles que ainda possuíssem o Evangelho eterno? Isto é um testemunho de que a verdade não estaria sobre a terra naquela época.

As Escrituras estão repletas de promessas de uma restauração nos últimos dias. Eu aprecio particularmente o pronunciamento de Pedro após o dia de Pentecostes, quando falava aos responsáveis pela morte de Cristo:

"Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor.

"E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado.

"O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3: 19-21)

Se Pedro foi um profeta de Deus, então nem nós nem o mundo podemos esperar a segunda vinda de Cristo sem que haja uma restauração — e não mera reforma. Existe uma diferença enorme entre reformar uma casa velha e construir uma nova. Tanto quanto aprendi em todo o trabalho missionário que tenho feito, não existe outra igreja no mundo inteiro que pretenda uma restauração de todas as coisas, conforme foi dito pela boca de todos os santos profetas desde o princípio do mundo.

O evento sobre o qual o coro cantou — a vinda do Pai e do Filho — foi seguido pela visitação de Morôni, um profeta que viveu aqui na terra cerca de quatrocentos anos depois de Cristo, trazendo as placas das quais foi traduzido o Livro de Mórmon.

João Batista, que foi decapitado por dar testemunho de Jesus, retornou como um ser ressurrecto e conferiu o Sacerdócio Aarônico a Joseph Smith e Oliver Cowdery, dando-lhes o poder de batizar por imersão para que se remissem os pecados. Ele informou ainda que, mais tarde, seria restaurado o Sacerdócio de Melquisedeque, que é o poder de administrar a imposição das mãos para o dom do Espírito Santo.

Pedro, Tiago e João, os apóstolos do Senhor Jesus Cristo que estavam com ele no Monte da Transfiguração, vieram trazendo de volta o Sacerdócio de Melquisedeque. Todo o dinheiro do mundo conseguiria comprar coisas que valessem tanto para os filhos de nosso Pai nos céus como esses eventos? E o que poderia igualar-se para nós individualmente, e para nossos familiares, amigos e entes queridos, à vinda daqueles santos mensageiros de Deus?

E isto ainda não é tudo. Em seguida, veio o Profeta Elias, aquele de quem fala Malaquias, dizendo que, se não viesse antes do grande e terrível dia do Senhor, a terra seria totalmente destruída. Disse ele:

"E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha, e fira a terra com maldição." (Mal. 4:6)

Isto abriu a porta para o entendimento das palavras do Apóstolo Paulo, quando diz ter-lhe o Senhor revelado o mistério da sua vontade:

"De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra." (Efés. 1:10)

Estamos vivendo na dispensação da plenitude dos tempos, e a vinda

de Elias trouxe as chaves da sua missão, e é por isso que edificamos os sagrados templos. É por causa disso que temos o grande programa genealógico que não encontra similar no mundo inteiro. Assim, pois, foi predita a vinda desses santos profetas.

Durante sua estada na Ilha de Patmos, João pôde ver não só a força com que Satanás combateria os santos e reinaria sobre todos eles, como viu "outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo". (Apoc. 14:6)

Isto teria sido desnecessário, caso houvesse uma continuação do Evangelho. E depois, ele prossegue: "Temei a Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo... (Apoc. 14:7) E nós vivemos no dia do seu juízo.

Depois, acrescenta: "...E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas." (Apoc. 14:7)

Na época em que Joseph Smith teve sua maravilhosa visão, não existia na terra uma única igreja que adorasse o Deus que fez os céus e a terra e o mar e as fontes d'água, e que criou o homem à sua própria imagem. Adoravam uma essência onipresente. Descreviam-no como um ser sem corpo, partes ou paixões, assentado no alto de um trono infinito, o que provavelmente é a melhor explicação para uma pessoa não poder imaginar nada. Se não tem corpo, como poderia falar? Ou ouvir? Ou então entender e responder?

Moisés fez menção disto, enquanto conduzia os filhos de Israel à terra prometida, dizendo que sua estada ali não seria longa e que logo se espalhariam por entre as nações, e depois acrescentou: :"E ali servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não vêem nem ouvem, nem comem nem cheiram." (Deut. 4:28)

Era esse o tipo de Deus adorado pelo mundo no tempo em que Joseph Smith teve sua maravilhosa visão.

Moisés, porém, disse algo mais. Ele previu que nos últimos dias (e nós estamos vivendo nos últimos dias), se o povo buscasse a Deus, certamente o acharia. (Vide Deut. 4:29) E Joseph Smith, seguindo a admoestação de Tiago: "... se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e não lança em rosto, e ser-lhe-á dado." (Tiago 1:5), foi e buscou-o, como ensina Moisés, encontrando, assim, o verdadeiro Deus vivo. Nós temos um testemunho desse acontecimento a prestar ao mundo inteiro.

Penso nas palavras de Paulo, quando diz que se propôs conhecer apenas a Cristo, e este crucificado. (Vide I Cor. 2:2) Isto não quer dizer que não conhecia ou não apreciava os profetas antigos, mas que raiara um novo dia.

Viera o Filho de Deus, de quem haviam falado os profetas, e depois ele diz: "...pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o Evangelho!" (I Cor. 9:16)

Nesse mesmo sentido, nós também não sabemos nada, senão a restauração do Evangelho, que ele foi trazido pelo próprio Filho do Homem, de modo que não existe afastamento dos profetas desta dispensação, e ai de nós, se não compartilharmos essas verdades maravilhosas com o resto do mundo!

Irmãos, eu sei que esta é a obra de Deus, o Pai Eterno. É o maior movimento em todo o mundo atual. Não existe neste mundo um único homem honesto ou mulher honesta, que realmente amem ao Senhor, que não se filiariam à Igreja, caso se dessem ao trabalho de descobrir sobre o que se trata e perguntassem a Deus, o Pai Eterno, que não os enganaria.

Este é o meu testemunho para vós, e o deixo em nome do Senhor Jesus Cristo Amém.

LUCY MACK SMITH

Uma Mulher de Grande Fé

Jayann Payne

Enquanto o sol, dardejando seus raios brilhantes por entre as nuvens, fazia-os dançar sobre os campos verdejantes e as matas mais além, Lucy ponderava sobre o significado da magnífica visão do Pai e do Filho, que o jovem Joseph acabara de comunicar-lhe.

Sua alma vibrava de alegria e antecipação, pois significativas experiências espirituais não eram novidade para ela, nem para seu marido, Joseph Smith Sr. Lucy recordava-se de ouvir seu próprio pai, Solomon Mack, prestar testemunho de orações atendidas. Joseph, seu querido esposo, já fôra abençoado com numerosas visões e sonhos espiritualmente importantes. Ela própria ajoelhara-se num bosque para implorar ao Senhor que seu marido pudesse encontrar a verdade, e fôra agraciada com uma bela visão que lhe trouxe paz de espírito. E quando estivera às portas da morte, aos vinte e sete anos, acometida de um prolongado definhamento, sua oração de fé para ser curada havia sido respondida, assegurando-a de que iria viver para cuidar da sua família.

Tôdas essas experiências foram como que um prelúdio para a aparição do Pai e de Jesus Cristo ao filho de Lucy. Até que enfim seus anseios espirituais estavam sendo satisfeitos. Cada partícula de seu ser bradava: "É verdade!"

Lucy Mack Smith era uma mulher de fibra. Sua fé na família mantinha-se inabalável, tanto nas horas de sol como nos momentos negros, demonstrando-se em seu amor confiante no pai e irmãos e irmãs; no respeito e honra que tinha ao amado marido; no modo inspirador pelo qual nutria uma delicada fé em seus próprios filhos, especialmente o garoto Joseph; na confiança em si mesma como dona de casa e mãe capaz; na constância com que realizava reuniões familiares inolvidáveis; em seu serviço compassivo, dedicado aos santos e semelhantes; no poderoso testemunho que prestou da autenticidade do Livro de Mórmon; e finalmente, pela fé em sua família eterna, a qual lhe deu o único consolo possível naquela hora negra em que se debruçou sobre os esquifes de seus mais queridos entes martirizados. Sua fé confirmava-lhe que, de fato, haviam "vencido o mundo pelo amor", e que

"Ela própria ajoelhara-se num bosque para implorar ao Senhor..."



um Pai dedicado e misericordioso os levara para junto de si, a fim de que pudessem repousar.

Sua fé, assim como o prisma, mostrava reflexos coloridos de todas as facetas de sua vida. Ela, assim como Maria, também declarava: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador." (Lucas 1:46-47)

O Senhor preparou Lucy, através de sua inteligente e devotada mãe, Lydia Gates Mack, e de seu honesto e intrépido pai, Solomon Mack, a fim de torná-la a culminação da fé que possuíam seus antepassados na família eterna.

Lucy nasceu a 8 de julho de 1775, durante a Guerra da Independência dos Estados Unidos. Quando criança, adorava ouvir o pai falar de suas lutas e aventuras nas guerras contra os franceses e índios, e na batalha da Independência. Seus estratagemas para amedrontar os índios com emboscadas e o ousado salvamento de um companheiro ferido em combate, foram mais tarde relatados por ela.

Do pai, herdou seu amor à liberdade e à pátria; dele vinham também suas habilidades de comando e decisão. Solomon ficou afastado de casa em expedições de negócios e marítimas, desde que Lucy tinha aproximadamente nove anos até haver atingido quase dezessete, e quando voltou, estava arruinado. Mas, mesmo carecendo de posses materiais, e as condições de isolamento em que viviam impossibilitassem o estudo dos filhos, Lydia Gates Mack forneceu-lhes uma excelente atmosfera cultural e espiritual.

Lydia provinha de uma família muito abastada e culta, e era professora, antes de casar-se com Solomon Mack. Isto foi uma grande bênção, pois, com a ausência freqüente de Solomon, a pesada responsabilidade pelo bem-estar espiritual, temporal e intelectual dos filhos recaía sobre ela. Ela não só lhes ensinava as matérias escolares como também costumava reuní-los para orar pela manhã e à noite; dela aprenderam a amarem um ao outro e a honrar e amar a Deus.

O apreço e amor de Lucy pela mãe refletem-se na comovente cena de partida em 1816, quando a família Smith decidiu mudar-se de Vermont para Palmyra, Nova York. Lucy escreve que foi obrigada a "despedir-se da progenitora piedosa e afável à qual devia toda a instrução religiosa, bem como a maior parte dos privilégios educacionais que recebera." Sua mãe pediu-lhe que continuasse fiel no serviço de Deus, a fim de que tivesse o privilégio de serem reunidas após a morte, pois tinha uma premonição de que não voltariam a encontrar-se.

Lucy herdou da mãe sua auto-confiança, refinamento e grande talento lingüístico. Foi autora de valiosos diários, cartas e biografias, numa época de vida pioneira em que havia pouco tempo para escrever. A sua **História de Joseph Smith** relata não só curtas biografias de seus pais, irmãos e irmãs, como do Profeta e de sua própria família, mas é também uma excitante, espirituosa, enternecedora e espiritualmente sensacional jóia literária resplandecendo nos poeirentos arquivos históricos.

Como caçula de oito filhos, Lucy era muito amada mas não mimada, pois aceitou prazeirosamente o fardo de cuidar das duas irmãs mais velhas, Lovisa e Lovina, durante suas enfermidades, desde o tempo em que tinha treze anos até a morte delas, quando contava dezenove. As duas irmãs, já quase beirando os trinta anos, sofriam de tuberculose, ou como se dizia na época, de consumpção.

Uma experiência que impressionou Lucy profundamente, mas deixou-a com muitas perguntas sem resposta, foi a cura miraculosa de Lovisa e sua subseqüente recaída. Após dois anos de enfermidade, ela pareceu cair em coma mortal por três dias, mas, às duas da madrugada, chamou por Lovina e disse: "O Senhor curou-me de corpo e alma — erga-me e dê-me minha roupa, quero levantar!"[1]

Ambas as irmãs faleceram em 1794, com espaço de poucos meses, deixando Lucy só e melancólica, pois os severos credos religiosos da época não lhe davam nenhum conforto, nem paz mental. Suas necessidades espirituais continuavam insatisfeitas. Assim, quando seu irmão Stephen, vendo sua depressão a convidou para passar uns tempos com ele em Tunbridge, Vermont, aceitou e sentiu-se grata pelo novo ambiente e faces diferentes. Ali, ela encontrou um moço alto de voz suave, chamado Joseph Smith. Após um ano de conhecimento, casaram-se em Tunbridge, a 24 de janeiro de 1796.

Os claros olhos azuis de Lucy arregalaram-se de surpresa, quando ouviu a conversa girar em torno do seu presente de casamento. John Mudget, sócio de seu irmão Stephen, comentou:

"Lucy devia ter algo de valor, e eu lhe darei o mesmo que você lhe der."

"Combinado!" disse Stephen. "Vou dar-lhe quinhentos dólares em dinheiro!"

"Muito bem", respondeu John, "e eu lhe darei mais quinhentos dólares!"[2]

A perspectiva de receber um dote de mil dólares para mobiliar sua própria casa fez Lucy sentir-se muito importante e querida. Era uma soma considerável em 1796, quando a terra era comprada a um dólar o acre, de modo que seu presente de casamento representava um grande valor material, bem como o amor generoso de sua família. Visto que Joseph, moço forte e simpático, já era um fazendeiro bem sucedido, Lucy sensatamente guardou seu dote para o futuro.

Lucy e Joseph agradeceram a Stephen e John, e após uma visita aos pais dela na vizinha Gilsum, Nova Hampshire, retornaram para Tunbridge.

A fazenda do casal prosperou por seis anos, e Lucy teve um filho, Alvin, em 1798, e outro, Hirum, em 1800. Então, em 1802, transferiram-se para Randolph, onde abriram um estabelecimento mercantil. Foi ali que Lucy, com vinte e sete anos, apanhou um resfriado que acabou em tuberculose, após semanas de febre e tosse. Joseph ficou arrasado, pois os médicos eram unânimes em dizer que ela não resistiria. Lucy orou com todo o fervor d'alma e fez um convênio com Deus de que, se ele a deixasse viver, ela o serviria. Então, ouviu uma voz dizer: "Buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Console-se o vosso coração; vós que credes em Deus, crede também em mim."[3]

A mãe inclinou-se sobre a cama no exato momento em que Lucy recobrou a fala, e falou assombrada:

" — Lucy, você está melhor! — ao que esta replicou:

— Sim, mãe, o Senhor me deixará viver se eu for fiel à promessa que lhe fiz, de ser um conforto para minha mãe, meu marido e meus filhos."[4]

Depois dessa significativa experiência, Lucy anelava por maior conhecimento espiritual, mas após ter visitado diversas igrejas diferentes para ouvir a "palavra da vida", sentiu-se desanimada. Seus comentários são proféticos:

"... porém, depois de ouví-lo (o ministro) até o fim, voltei para casa convencida de que ele não entendia, nem tampouco apreciava o assunto sobre o qual falava, e eu disse em meu íntimo que **não existia na terra a religião que procurava.** Por conseguinte, decidi examinar a minha Bíblia e, tomando Jesus e seus discípulos como meus guias, procurar obter de Deus aquilo que homem algum pode dar nem tirar... a Bíblia devia ser meu guia para a vida e salvação."[5]

Há dois outros notáveis exemplos de sua fé no poder de cura. Em 1813, a febre tifóide grassava em Lebanon, Nova Hampshire, e todos os seus oito filhos a contraíram. Sophronia, então com dez anos, esteve gravemente enfêrma durante três meses, sendo desenganada pelos médicos. Quando sua respiração cessou de vez, Lucy agarrou-a nos braços e ficou andando de lá para cá, orando fervorosamente. As pessoas presentes diziam-lhe:

"Não adianta; sua menina está morta."

Mas Sophronia recobrou a respiração e voltou a viver, quando as preces da mãe foram atendidas.

Joseph Smith Jr. tinha oito anos, quando a infecção tifóide localizou-se-lhe na perna e teve que sofrer três operações excruciantes. Os cirurgiões queriam amputar, com o que Lucy não concordava. Então trouxeram cordas para amarrá-lo, mas o garoto recusou, como também a bebida alcoólica que pretendiam dar-lhe como anestésico. Mais tarde, ela escreveu que Joseph lhe implorou:

"Mãe, quero que a senhora saia do quarto, pois sei que não agüentaria ver-me sofrer assim; o pai poderá suportar, mas a senhora carregou-me tantas vezes e cuidou de mim por tanto tempo, que já está quase sem forças.' Depois, olhando para mim, com os olhos marejados de lágrimas, continuou: 'Agora mãe, prometa que não ficará aqui, por favor, sim? O Senhor ajudar-me-á e agüentarei até o fim.'...

"Quando retiraram o terceiro pedaço (de osso), eu irrompi novamente no quarto — e, oh,... que espetáculo para os olhos de mãe! O corte aberto, o sangue ainda esguichando dele, e a cama totalmente ensangüentada. Joseph estava branco como um cadáver, grandes gotas de suor rolando-lhe pelas faces, enquanto cada traço refletia extrema aflição!"[6]

Joseph recuperou-se depressa depois de operado, mas, como conseqüência, ficou coxo durante diversos anos, e pelo resto da vida claudicava ligeiramente ao andar.

Lucy Mack Smith tinha fé em si mesma como mulher e dona de casa. Sua combinação singular de características parecia paradoxal; era impulsiva e decidida, contudo valia-se das insinuações do Espírito para moderar e dar autoridade ao que fazia e dizia. Quando um carroceiro inescrupuloso tentou roubar-lhe os cavalos, carroça e tudo o que tinham durante a mudança para Palmyra, ela mostrou sua valentia, enfrentando-o na estalagem, diante de todos os presentes (pois Jo-

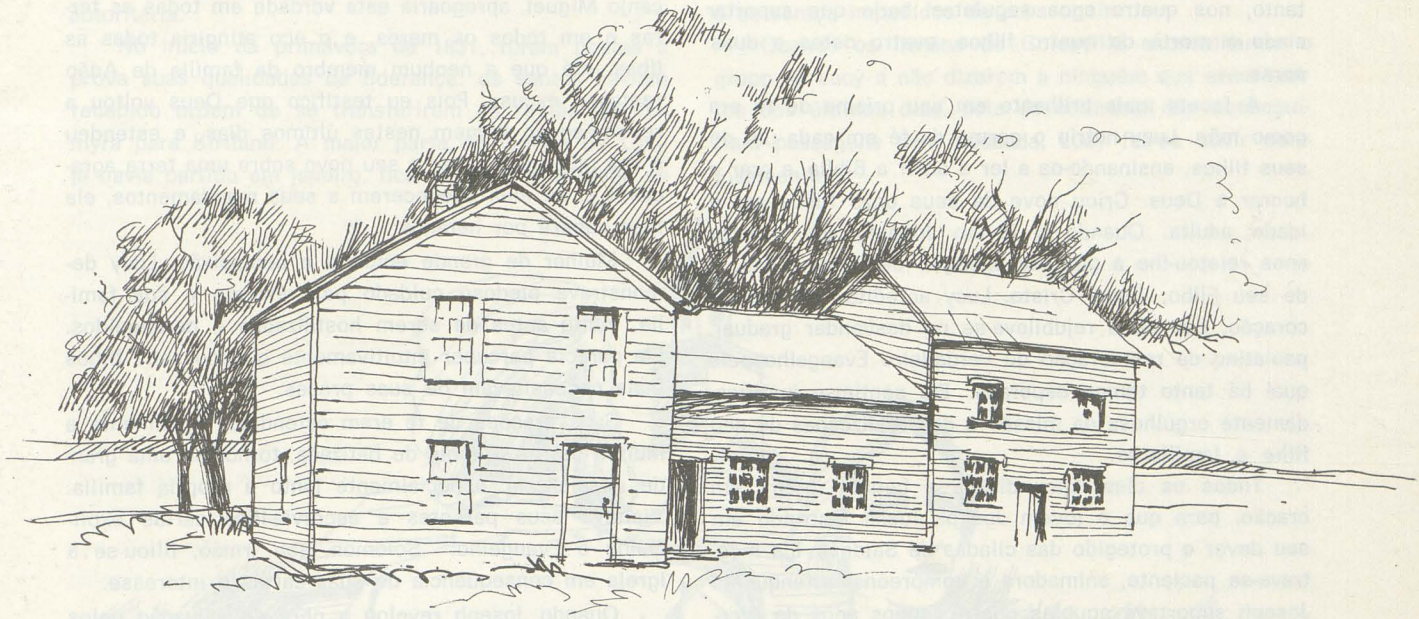
seph Sr. já tinha ido para Palmyra semanas antes):

"Senhoras e senhores, por favor, dêem-me um momento de atenção. Tão certo como há um Deus no céu, esta parelha bem como toda a carga pertencem ao meu marido, e este homem pretende furtá-los de mim,... deixando-me com oito crianças, sem meios de prosseguir viagem.

"Depois, disse ao carroceiro desonesto:

"Senhor, eu o proíbo de tocar nessa parelha ou dirigí-la mais um passo sequer. Pode ir tratar de seus negócios; nada mais tenho a ver com o senhor!..."[7]

Depois de dois anos, Alvin desenhou a planta de uma nova casa mais confortável para os pais, quando tivessem "idade mais avançada." Lucy tinha então quarenta e cinco anos, com a filhinha Lucy de apenas dois anos! Ela adorou sua nova casa que estava quase terminada em novembro de 1823, quando Alvin foi acometido de um mal do estômago, falecendo depois de um médico incompetente tratá-lo com calomelano. Em seu leito de morte, Alvin aconselhou Hyrum a terminar a casa; Joseph a ser fiel e obter as placas; e todas as crianças a serem gentis com o pai e a mãe. Toda



"Atormentados pelo espectro do malogro nas colheitas e revéses comerciais... Joseph e Lucy haviam-se mudado oito vezes..."

Lucy não tolerava injustiça por muito tempo. Eles chegaram a Palmyra em segurança, porém com "apenas dois centavos em dinheiro".

Apesar da situação de extrema pobreza, a fé que depositava em sua própria capacidade e na de seus familiares produziu resultados assombrosos naquele seu primeiro ano em Palmyra. Atormentados pelo espectro de malogro nas colheitas e reveses comerciais desde o seu casamento, Joseph e Lucy haviam-se mudado oito vezes até chegarem a Nova York. Agora, em Palmyra desflorestaram industriosamente trinta dos cem acres adquiridos e construíram uma cabana de troncos. Lucy ganhava dinheiro suficiente para comida e móveis, pintando coberturas de oleado.

a família e os vizinhos lamentaram a sua morte, pois Alvin tinha apenas vinte e cinco anos e era muito estimado por todos. Lucy gozou a casa por pouco tempo, pois homens inescrupulosos defraudaram os Smiths de seu lar e a fazenda cultivada.

Desde tenra idade, Lucy interessava-se pela religião, buscando sinceramente a verdade. Depois que Joseph Smith Sr. desanimara de freqüentar qualquer igreja por causa do ambiente de lutas e discórdias reinante entre elas, Lucy ficou muito deprimida e orava para que ele pudesse encontrar e aceitar o verdadeiro Evangelho. Teve então um lindo sonho, dando-lhe nova confiança de que futuramente Joseph iria conhecer a aceitar o Evangelho puro e impoluto do Filho de Deus.

Joseph também teve alguns sonhos e visões interessantes, os quais Lucy aceitou e achou muito significativos. Ela honrava o marido como cabeça da família, muito antes de ele possuir o Sacerdócio e tornar-se o primeiro patriarca da Igreja.

O amor de Lucy e Joseph Sr. havia sido apurado e enobrecido no cadinho ígneo da provação e perseguições. Quando seus olhos foram cerrados pela morte a 14 de setembro de 1840, o futuro parecia a Lucy "ínvio e desolado" e ela não conseguia imaginar calamidade mais apavorante nem maior desgraça. No entanto, nos quatro anos seguintes, teria que suportar ainda a morte de quatro filhos, quatro netos e duas noras.

A faceta mais brilhante em seu prisma de fé era como mãe. Lucy nutriu o germe da fé em cada um de seus filhos, ensinando-os a ler e amar a Bíblia, a orar e honrar a Deus. Criou nove de seus onze filhos até a idade adulta. Quando o jovem Joseph, aos catorze anos relatou-lhe a gloriosa aparição de Deus, o Pai, e de seu Filho, Jesus Cristo, Lucy acreditou de todo o coração. Sua alma rejubilava-se no desvendar gradual, paulatino da restauração do verdadeiro Evangelho pelo qual há tanto tempo esperava. Ela sentia-se justificadamente orgulhosa da missão e das realizações de seu filho e familiares.

Todos os dias, Lucy dirigia a família inteira em oração, para que o jovem Joseph fosse instruído em seu dever e protegido das ciladas de Satanás. Ela mostrava-se paciente, animadora e compreensiva, enquanto Joseph suportava aqueles quatro longos anos de crescimento e provações até que, finalmente, Morôni confiou-lhe as placas e aquela parte da obra da restauração.

Alvin sugeriu que todos se levantassem mais cedo, para que os trabalhos da fazenda estivessem terminados antes do pôr do sol e Mãe Lucy pudesse servir logo o jantar a fim de que depois se reunissem para ouvir as palavras de Joseph. A família exultava por Deus estar prestes a iluminar suas vidas com um conhecimento mais perfeito do plano de salvação.

Lucy ansiava por saber mais a respeito dos povos antigos, cujos anais Joseph estava traduzindo. E quando finalmente pôde ver e ler o Livro de Mórmon, ela meditou sobre todas as frustrações e ansiedades vividas naqueles anos, vindo a sentir que "os céus foram movidos em nosso favor e anjos... velavam por nós". Ela podia dizer verdadeiramente: "Minha alma magnificava o Senhor e meu espírito rejubilava-se em Deus meu Salvador."

Ela sentia pelo Livro de Mórmon um profundo apreço e prestava vigoroso testemunho de suas verdades e todos os que quisessem ouvir. Certa vez, um homem gritou do meio de uma multidão de várias centenas de pessoas: "O Livro de Mórmon é verdadeiro?", e ela replicou, para que todo mundo ouvisse:

"Este livro foi trazido à luz pelo poder de Deus e traduzido pelo dom do Espírito Santo; e, pudesse eu fazer minha voz soar tão alto como a trombeta do Arcanjo Miguel, apregoaria esta verdade em todas as terras e em todos os mares, e o eco atingiria todas as ilhas, até que a nenhum membro da família de Adão restasse excusa. Pois eu testifico que Deus voltou a revelar-se ao homem nestes últimos dias, e estendeu a sua mão para juntar o seu povo sobre uma terra agradável e, se eles obedecerem a seus mandamentos, ela lhes caberá por herança..."[8]

Mulher de grande empatia e compaixão, Lucy demonstrava piedoso cuidado pelo Profeta e sua família, muito antes de serem hostilizados e perseguidos. Ela parecia perceber intuitivamente quando seus filhos mais necessitavam de suas preces.

Suas orações de fé eram estendidas igualmente a muitos outros. Depois de batizada, tornou-se uma grande missionária, especialmente junto à própria família. Visitava seus parentes e escrevia-lhes cartas explicando o Evangelho. Solomon, seu irmão, filiou-se à Igreja em conseqüência de suas cartas e interesse.

Quando Joseph revelou a obra de salvação pelos mortos, assegurando-lhe que Alvin podia obter vicáriamente as bênçãos do batismo e dos trabalhos do templo, mais uma de suas preces foi respondida. Ele havia falecido apenas umas poucas semanas após a aparição do Anjo Morôni, em 1823.

Hyrum casou-se com Jerusha Bardem em 1826, e a 18 de janeiro de 1827, Joseph desposava Emma Hale. Lucy amava suas noras, mostrando-se uma sogra exemplar. Depois que o martírio deixou sós as duas mulheres, Lucy passou seus últimos anos vivendo com Emma, que dela cuidou fielmente até sua morte, em 1856. Lucy amava os netos, e quando Joseph e Emma perderam quatro de seus filhos ao nascer, ela sentiu como se fossem seus próprios.

Todos os que amavam a Deus encontravam boa acolhida no lar de Lucy. Muitas noites, ela e o marido cediam todas as camas da casa a irmãos visitantes,

enquanto dormiam eles próprios no chão.

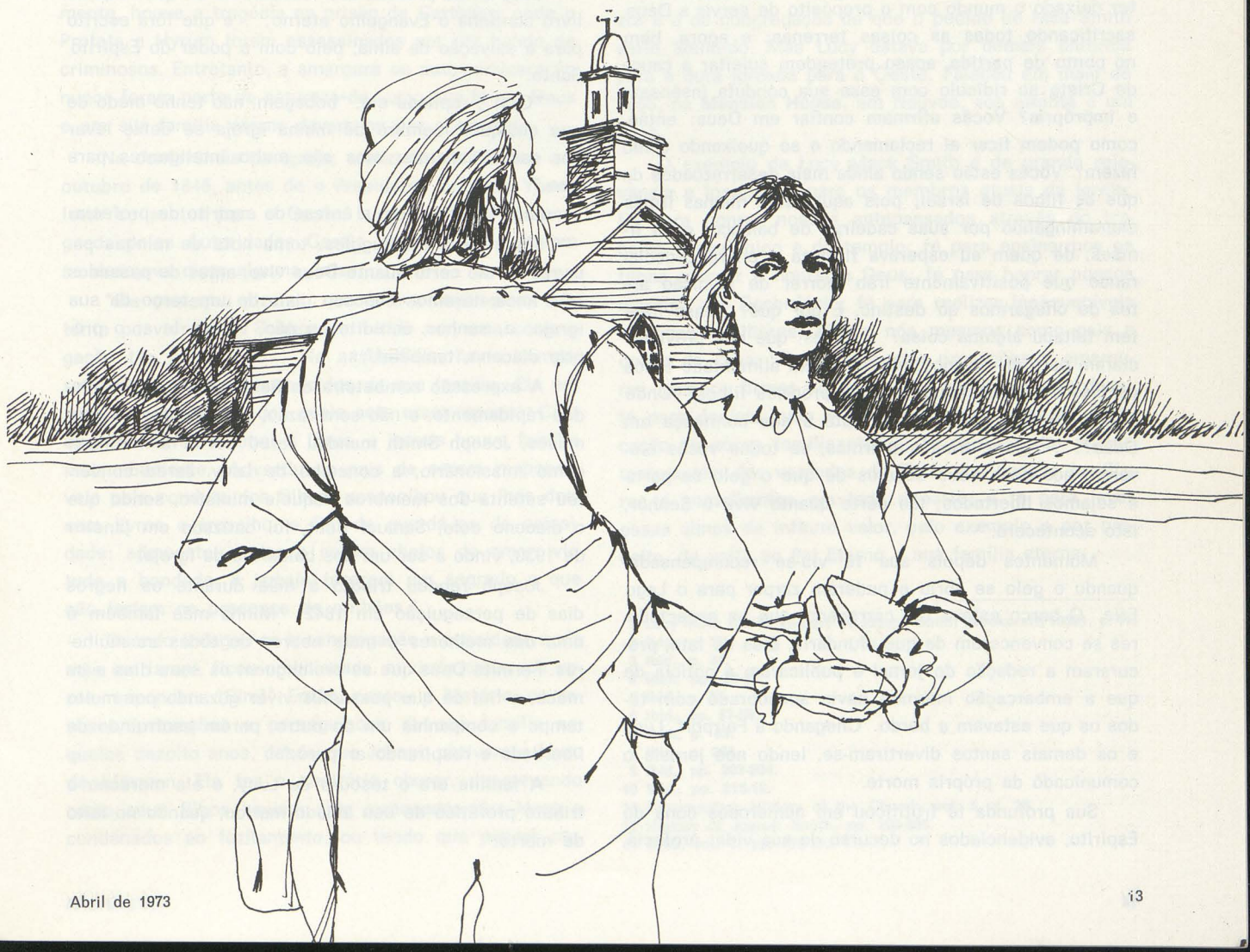
Oliver Cowdery costumava chamá-la de mãe, e ela o tratava como filho, dando-lhe de sua fé e incentivo durante o trabalho de tradução. Sua fé e amor estendiam-se também a Martin Harris, a despeito das dificuldades e pesar causados por sua deslealdade ao Profeta e sua família.

Embora sendo mulher bondosa e amável, Lucy sabia disciplinar acaloradamente, quando a ocasião assim o exigisse. Seu grande devotamento à causa do Senhor e agudo senso de justiça tornavam-na uma figura autoritária.

No início da primavera de 1831, foram postas à prova suas qualidades de liderança: os santos haviam recebido ordem de se transferirem da região de Palmyra para Kirtland. A maior parte da família de Lucy já havia partido em janeiro, ficando ela encarregada de dirigir um grupo de oitenta santos do Ramo de Waterloo, tendo apenas os dois filhos mais moços, William e Dan Carlos, para ajudá-la.

A viagem de chata pelo Canal Erie levou cinco dias e foi um pesadelo, pois a maior parte dos santos não havia providenciado mantimentos suficientes para seu próprio sustento, além do que o mau tempo foi terrível para as mulheres e crianças. Quando chegaram a Buffalo, encontraram ali alguns membros do Ramo Colesville que também esperavam conseguir passagens de barco para Kirtland. O porto ficou bloqueado pelo gelo, e os santos impedidos de prosseguir.

Quando os irmãos de Colesville aconselharam o grupo de Lucy a não dizerem a ninguém que eram santos dos últimos dias, pois do contrário não conseguiriam passagens nem pousada, Lucy fez-se ouvir corajosamente:



"Eu vou falar precisamente quem sou, e se vocês se envergonham de Cristo, não devem esperar ter êxito; e quero só ver se não chegaremos a Kirtland antes de vocês!"

Foram palavras proféticas, pois, devido à sua fé e orações, Lucy conseguiu passagens para o grupo dela. Ao ver seus queridos santos discutindo e lamentando-se enquanto esperavam no convés do barco, William correu para junto da mãe e disse:

"Mãe, veja só aquela confusão; não quer ir lá e dar um basta?!"

Lucy não era muito alta, mas aprumou-se régiamente e com os gélicos olhos azuis faiscando, caminhou bem até o centro da confusão, a voz soando com autoridade:

"Irmãos, nós nos dizemos santos e professamos ter deixado o mundo com o propósito de servir a Deus, sacrificando todas as coisas terrenas; e agora, bem no ponto de partida, acaso pretendem sujeitar a causa de Cristo ao ridículo com essa sua conduta insensata e imprópria? Vocês afirmam confiar em Deus; então, como podem ficar aí reclamando e se queixando como fazem? Vocês estão sendo ainda mais desarrazoados do que os filhos de Israel; pois aqui estão minhas irmãs choramingando por suas cadeiras de balanço, e os irmãos, de quem eu esperava firmeza e energia, declarando que positivamente irão morrer de inanição antes de chegarmos ao destino. E por quê? Acaso lhes tem faltado alguma coisa? E vocês, que não providenciaram para si mesmos, não os tenho alimentado todos os dias e tratado como a meus próprios filhos? Onde está a fé em vocês? Onde está a sua confiança em Deus?... Agora, irmãos e irmãs, se todos vocês elevarem aos céus seus desejos de que o gelo se parta e sejamos libertados, tão certo quanto vive o Senhor, isto acontecerá."[9]

Momentos depois sua fé viu-se recompensada, quando o gelo se abriu e puderam zarpar para o Lago Erie. O barco estava tão carregado, que os espectadores se convenceram de que afundaria. Eles de fato, procuraram a redação do jornal e publicaram a notícia de que a embarcação mórmon havia sossobrado com todos os que estavam a bordo. Chegando a Fairport, Lucy e os demais santos divertiram-se, lendo nos jornais o comunicado da própria morte.

Sua profunda fé frutificou em numerosos dons do Espírito, evidenciados no decurso de sua vida: profecia, testemunho, fé para a cura, discernimento de espíritos, sabedoria e conhecimento. Suas profecias assombravam igualmente santos e opositores. O pastor de uma igreja protestante de Pontiac, Michigan, ao ser-lhe apresentado, disse zombeteiramente: "Então a senhora é a mãe daquele pobre, tolo, estupido garoto Joe Smith, que pretendeu traduzir o Livro de Mórmon."

Ela, fitando-o firmemente nos olhos, replicou:

"Eu sou, senhor, a mãe de Joseph Smith. Mas por que lhe aplica epítetos como estes?"

" — Porque," disse o Reverendo Ruggles, "ele imaginou que iria derrubar todas as outras igrejas com aquele simples livro mórmon."

"Já chegou a lê-lo?" perguntou Lucy.

"Não, ele não é digno de minha atenção." respondeu ele.

Lucy então prestou seu testemunho de que "aquele livro continha o Evangelho eterno... e que fôra escrito para a salvação da alma, pelo dom e poder do Espírito Santo."

"Ora!", replicou ele, "bobagem, não tenho medo de que qualquer membro de minha igreja se deixe levar por essas asneiras; eles são muito inteligentes para isso."

Lucy replicou com a ênfase do espírito de profecia:

"Pois bem, Sr. Ruggles, tome nota de minhas palavras — tão certo quanto Deus vive, antes de passados três anos, teremos conosco mais de um terço da sua igreja; e, senhor, acredite ou não, vamos levar o próprio diácono, também!"[10]

A expressão zombeteira do Reverendo Ruggles mudou rápidamente, e não sem razão, pois, dentro de dois meses, Joseph Smith mandou Jared Carter a Michigan como missionário, a conselho de Lucy. Jared converteu setenta dos membros daquele ministro, sendo que o diácono dele, Samuel Bent, foi batizado em janeiro de 1933, vindo a ser um dos baluartes da Igreja!

Joseph rendeu tributo à mãe durante os negros dias de perseguição em 1842: "Minha mãe também é uma das melhores e mais nobres de todas as mulheres. Permita Deus que se prolonguem os seus dias e os meus, a fim de que possamos viver gozando por muito tempo a companhia um do outro, porém usufruindo de liberdade e respirando ar puro."[11]

A família era o tesouro de Lucy, e ela mereceu o tributo profético de seu amado marido, quando no leito de morte:

"Mãe, você não sabe que é mãe de uma família como maior não houve na terra? O mundo ama o que é seu, mas não ama a nós. Ele nos odeia, porque não somos do mundo; por isso, faz derramar sobre nós toda a sua malícia, procurando tirar-nos a vida. Quando olho para meus filhos e vejo que, embora fôssem criados para realizar a obra do Senhor, têm no entanto, que passar por cenas de distúrbios e aflição, enquanto viverem sobre a terra! Receio deixá-los rodeados de inimigos."[12]

Joseph, pai e Don Carlos faleceram em 1840 e 1841, respectivamente, após graves perseguições. Depois, Samuel foi acossado pelo populacho em sua viagem para Carthage, onde pretendia libertar Joseph e Hyrum; após anos de exposição à inclemência do tempo e de perseguições, aquela dura cavalgada de muitas horas em sua magnífica montaria negra foi demais para ele, vindo a falecer poucas semanas depois. E, naturalmente, houve a tragédia na prisão de Carthage, onde o Profeta e Hyrum foram assassinados por um bando de criminosos. Entretanto, a amargura ou auto-comiseração nunca foram parte da natureza de Lucy; sua fé em Deus e em sua família eterna davam-lhe paz e conforto.

Na conferência da Igreja, realizada em Nauvoo em outubro de 1845, antes de o Presidente Brigham Young levar os santos para o Oeste, Lucy Smith foi homenageada pelas Autoridades Gerais, que lhe perguntaram se desejava dizer alguma coisa.

"Ela começou dizendo que estava muitíssimo contente por ter-lhe o Senhor permitido ver uma congregação tão numerosa... Na assembléia, havia comparativamente poucos conhecidos da sua família. Ela era mãe de onze filhos, dos quais sete eram rapazes. Criara-os no temor e amor a Deus, e jamais houve família mais obediente. Advertiu os pais de serem responsáveis pela conduta dos filhos; aconselhou que lhes dessem livros e trabalho, a fim de guardá-los da ociosidade; admoestou todos a serem cheios de amor, virtude e bondade, e jamais fazerem em segredo o que não fariam na presença de milhões."

Quando indagou se a congregação a considerava u'a mãe em Israel, ficou emocionada, ouvindo cinco mil vozes responder: "Sim!" Então, contou a história, os reveses, provações e perseguições de sua família naqueles dezoito anos, desde que Joseph obtivera o Livro de Mórmon. Ela fez o auditório chorar, descrevendo como seus filhos haviam sido arrancados dos lares e condenados ao fuzilamento, ou tendo que passar meses em imundos calabouços sob falsas acusações. Como todos os esforços de conseguir compensação legal eram inúteis, Joseph dissera que ia apresentá-los diante da suprema corte nos céus. Nenhum coração fica insensível, quando Lucy continua: "Mal pensava eu então que nos iria deixar tão cedo para apresentar seu caso pessoalmente lá em cima. E não acham também que o caso dele está sendo julgado agora?

"Sinto como se Deus estivesse provando esta nação um pouco, aqui e ali, e sinto que o Senhor permitirá que o Irmão Brigham leve o povo embora. Aqui, nesta cidade, jazem os meus mortos: meu marido e filhos; e caso o resto de meus filhos os acompanhem (e queira Deus que todos vão), eles não irão sem mim; e se eu fôr, quero que meus ossos sejam trazidos para cá, se eu morrer longe, e depositados ao lado de meu marido e filhos."[13]

O Presidente Young, então, empenhou a sua palavra e a da congregação de que o pedido de Mãe Smith seria atendido. Mas Lucy estava por demais enferma para a dura jornada para o Oeste. Faleceu em maio de 1856, na **Mansion House,** em Nauvoo, aos oitenta e um anos.

O exemplo de Lucy Mack Smith é de grande relevância e inspiração para os membros atuais da Igreja: Fé para honrar nossos antepassados através do trabalho genealógico e do templo; fé para ensinarmos os filhos e amar e honrar a Deus; fé para honrar nossos maridos e o Sacerdócio; fé para realizar inesquecíveis reuniões familiares; fé em nós mesmos como pais e donas de casa; fé para suportar provações e amarguras, sempre firmes ao lado do Evangelho da verdade; fé para dedicar tudo o que temos em favor da edificação da nossa família eterna; fé para prestar solene testemunho das verdades de Deus aos nossos familiares e semelhantes em toda a parte; e fé para levar essas almas de infinito valor, pelo exemplo e por preceito, de volta ao Pai Eterno e sua família eterna.

---

1 **Lucy Mack Smith,** History of Joseph Smith **(Bookcraft, 1958), p. 11.**
2 **Ibid., p. 32.**
3 **Ibid., p. 34.**
4 **Ibid., pp. 34-35.**
5 **Ibid., p. 36**
6 **Ibid., pp. 57-58.**
7 **Ibid., p. 63.**
8 **Ibid., p. 204.**
9 **Ibid., pp. 203-204.**
10 **Ibid., pp. 215-16.**
11 Documentary History of the Church, **vol. 5, p. 26.**
12 History of Joseph Smith, **pp. 208-309.**
13 **DHC, vol. 7, pp. 470-71.**

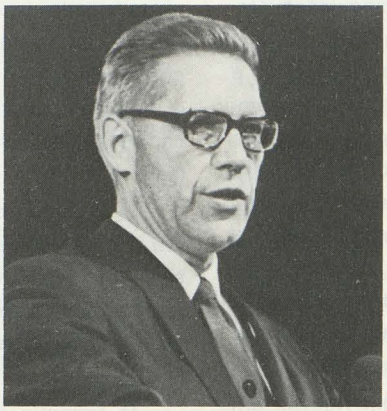
O Testemunho de Jesus

Um testemunho pessoal de Jesus Cristo como centro da vida e salvação

Indaguei do Senhor o que ele gostaria de que eu dissesse neste momento, e recebi a precisa e positiva impressão de que deveria prestar testemunho de que Jesus Cristo é o Filho do Deus vivente e que foi crucificado pelos pecados do mundo. Possuo o que chamam de "testemunho de Jesus", isto é, que sei, por revelação pessoal do Espírito Santo à minha alma, que Jesus é o Senhor; que ele trouxe, à luz a vida e imortalidade através do Evangelho; e que, nestes nossos dias, ele restaurou a plenitude da sua verdade eterna, a fim de que nós, juntamente com os antigos, possamos tornar-nos herdeiros de sua presença na eternidade.

Agora, o testemunho provém do Espírito de Deus. Não existe outra fonte. E quando se presta testemunho, é preciso que seja pelo poder do Espírito. E por isso espero e oro fervorosamente que eu possa ser guiado por esse poder nesta ocasião, a fim de que seja o pensamento e a vontade e o intento do Senhor o que eu disser.

Desejo prestar testemunho a mim mesmo, a vós como membros da Igreja, e ao mundo inteiro. Ao falar pelo poder do Espírito, se meu testemunho é para calar em vosso coração e ser em vós uma fonte jorrando para a vida eterna — se vosso coração deve arder dentro de vós, a fim de reconhecerdes a veracidade



Élder Bruce R. McConkie

Do Conselho dos Doze

e divindade das palavras pronunciadas — tereis que ser guiados pelo poder do mesmo Espírito, e assim sendo, eu oro que vosso coração seja aberto e que vossa alma possa arder dentro de vós e que conheçais a veracidade do que é dito.

Tomarei a liberdade, tanto à guisa de testemunho como para dar o tom daquilo que está envolvido, de ler estas linhas de minha autoria:

EU CREIO EM CRISTO

Eu creio em Cristo, ele é meu rei;
De coração o cantarei,
Com voz alegre e reverente,
Tudo o que minh'alma sente.

Eu creio em Cristo, Filho de Deus,
Que em vir à terra aquiesceu;
Curou o enfermo, o extinto reavivou.
Louvado seja pelas obras que deixou.

Eu creio em Cristo, ó nome
[abençoado
Filho de Maria, cumpriu o seu
[reinado.
Livrou os mortais, seus irmãos desta
[terra,
Da angústia que segue aquele que
[erra.

Eu creio em Cristo, que o caminho
[indicou,
E que de seu Pai tudo herdou,
Que ao próximo disse: "Vem comigo,
Habitar com o Pai para sempre,
[amigo."

Eu creio em Cristo — meu Deus
[e Senhor —
Que em solo bom meus pés plantou;
A ele adorarei com toda intensidade,
Fonte da luz e da verdade.

Eu creio em Cristo, meu Redentor;
Do poder do maligno o Salvador;
Em grande júbilo hei de habitar
As cortes sagradas do eterno lar.

Eu creio em Cristo, supremo rei,
Nele meu sonho realizarei;
Quando os tormentos da luta sofrer,
Sua voz me dirá: "Hás de vencer."

Eu creio em Cristo, e, haja o que
[houver
Nesse grande dia com ele hei de
[estar,
Quando outra vez a esta terra voltar,
Para entre os filhos dos homens
[reinar.

Pois bem, a salvação começa com Deus, nosso Pai Celestial. Na verdade, salvação é ser como ele é; herdar, possuir e receber o que ele desfruta. Se quisermos conhecer

Deus, temos que crer como ele crê, pensar como ele pensa, e experimentar o que ele experimenta.

O grande plano redentor foi criado pelo Pai Celestial, a fim de permitir-nos avançar e progredir e tornarmo-nos igual a ele. A salvação, porém, é centralizada em Cristo. O plano exigiu que esta terra fosse criada e povoada, de modo que pudéssemos vir e ganhar uma experiência impossível de se obter de outra maneira.

Já habitamos com nosso Pai nas eternidades que precederam esta vida. Estávamos presentes, quando se fez ouvir o seu grande brado em meio à eternidade: "A quem devo mandar como meu filho, para realizar o infinito e eterno sacrifício expiatório, a fim de que se coloquem, em plena força e operação, os termos e condições do meu plano eterno?" Nós estávamos lá e contemplamos, na poética linguagem do Élder Orson F. Whitney:

Figura tão grácil quão vigorosa,
De ar humilde mas divino,
No esplendor de cujo semblante
Fulgurava a luz do sol a pino;
Cabelo alvo, mais que a espuma do [oceano,
Ou a neve dos picos majestosos.
Ele falou: — a atenção se fez mais [grave,
E o silêncio muito mais silencioso.

"Pai!" — ecoa a voz de argênteas [ressonâncias,
Como o murmúrio musical
Do regato aos descer pelas [montanhas,
Desde o ninho da neve virginal.
"Pai", disse a voz. "Se alguém deve [morrer
A fim de teus filhos resgatar,
Quando a terra, hoje informe e vazia,
De vida estuante palpitar;

"O possante Miguel cairá primeiro
Para mortal o homem se chamar,
E tu enviarás Salvador escolhido,
Vê, aqui estou — podes-me [mandar!
Nada peço, nem recompensa procuro
Além daquela que ganhar assim;
Seja meu o sacrifício consentido,
E tua a glorificação sem fim."
— Joseph Fielding Smith,
O Caminho da Perfeição, p. 39

Bem, a salvação está centralizada em nosso Senhor Jesus Cristo. Na linguagem do anjo que veio ao Rei Benjamim: "...a salvação foi, é e há de ser pela expiação do sangue de Cristo, o Senhor Onipotente." (Mosiah 3:18)

Quando perguntaram a Joseph Smith: "Quais os princípios fundamentais da sua religião?", ele respondeu: "Os princípios fundamentais da nossa religião constituem-se no testemunho dos apóstolos e profetas, concernente a Jesus Cristo, de que ele morreu, foi sepultado e ressurgiu no terceiro dia, e ascendeu aos céus; todas as outras coisas pertencentes à nossa religião são meros acessórios disso." **(Documentary History of the Church,** vol. 3, p. 30)

Isto quer dizer que o sacrifício expiatório do Senhor é o âmago de todas as coisas, no que nos diz respeito. Deus, nosso Pai Celestial, criou-nos, sem o que não existiríamos. E Cristo, o Filho, redimiu-nos, sem o que não haveria nem imortalidade nem vida eterna.

Mas o que de mais glorioso aconteceu em nossos dias é que os céus foram abertos; que Deus voltou a falar; que ele chamou oráculos vivos, homens que são apóstolos e profetas, para serem seus porta-vozes, para declararem seu intento, propósitos e sua vontade ao mundo. Sua mensagem é o Evangelho restaurado de Jesus Cristo, e este é ministrado na Igreja que leva seu nome.

Pois bem, minha é a voz do testemunho. Eu testifico da verdade e divindade desta obra. Mas minha voz não está só. Não clama no deserto.

Meu testemunho é apenas um eco dos que têm sido prestados por gente fiel, desde a primavera de 1820, quando apareceram o Pai e o Filho, para iniciar esta última grande dispensação da verdade eterna. E o testemunho que presto é apenas um precursor daquele que ainda será dado dez mil vezes por dez mil pessoas, resgatadas de toda a nação, tribo, língua e povo, redimidas pela obediência à mensagem que Deus restaurou em nossos dias, através da instrumentalidade de Joseph Smith.

E se existe uma coisa maravilhosa nesta obra, é ser ela verdadeira; é haver eficácia, virtude e força salvadora no Evangelho de Jesus Cristo; e que o poder de Deus para a salvação é encontrado aqui, nos cumes destes montes eternos; e esta gloriosa verdade está-se espalhando em todas as nações da terra tão rapidamente quanto as pessoas aceitam o testemunho e evidência oferecidos, e acreditam nas verdades proclamadas por nossos companheiros. Este é o dia do qual Deus afirmou que todos os coligados de Israel serão testemunhas do seu nome: "...vós sois as minhas testemunhas, diz o Senhor, (de que) eu sou Deus." (Isaías 43:12)

Este é o dia do qual disse que todo élder no seu reino, todo portador do santo Sacerdócio, tem poder de falar em seu nome, de possuir o Espírito Santo testificando e iluminando a sua mente, e de proclamar as verdades de salvação.

Eu proclamo estas verdades e desejo de coração que os homens creiam nela e lhe obedeçam. Penso poder declarar com Néfi que todo o meu intento é persuadir os homens a se achegarem ao Deus de Abraão e ao Deus de Isaque e ao Deus de Jacó e serem salvos porque a obra é genuína, porque a salvação está em Cristo. E, tendo Deus por testemunha, isto é verdade. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

SALVAÇÃO E EXALTAÇÃO

Um discurso sobre ressurreição, redenção e a unidade familiar eterna

Ouvindo rádio alguns dias atrás, escutei certo ministro dizer a seus ouvintes: "Confessem a Cristo e serão salvos. Admitam Cristo no coração e ele os salvará."

Aí, citou Efésios 2:8 como argumento conclusivo: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus."

Depois, deu seu conselho final: "Será demais pedir-lhes isto? Milhares e centenas de milhares têm encontrado paz e felicidade duradouras aceitando Cristo como seu Salvador. Unam-se a nós na fé cristã e serão salvos."

Fico imaginando quanta gente tem-se deixado embalar em falsa segurança por tal ensinamento. Como missionário batendo à porta das pessoas, escutei literalmente centenas delas declararem que não estavam interessadas em aprender mais sobre Jesus Cristo, pois já estavam salvas. O mais chocante nisto é que tinham razão. O que aquele ministro disse é verdadeiro, porém a dificuldade é não ser de **todo** verdadeiro.

Esse problema me causa preocupação pessoal, porque vejo quanto dano a meia verdade pode ocasionar. O conhecimento limitado é muito perigoso. Do que necessitamos é de mais verdade — verdade ilimitada — até que, finalmente, conheçamos todas as coisas.



Élder Theodore M. Burton
Assistente dos Doze

O que significa quando o povo diz: "Eu estou salvo."? Geralmente que estão salvos da morte. Este tipo de salvação geral atinge todas as pessoas, tão sòmente pela graça de Deus. A salvação geral independe de obediência aos princípios ou leis do Evangelho e resulta únicamente na ressurreição da morte. Nesse sentido, salvação é sinônimo de imortalidade no que a pessoa ressuscitada viverá para sempre. A ressurreição atingirá todo aquele que, nascido neste mundo, através do sacrifício de Cristo, confesse ou não o nome de Jesus Cristo. Seja iníqua ou justa, toda pessoa receberá o dom da imortalidade através de Jesus Cristo.

Como Paulo explicou aos gregos de Corinto:

"Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem

"Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.

"Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos 15:20-22)

Toda a humanidade terá, assim, a serão vivificados em Cristo." (I Cor. salvação geral, exceto os filhos da perdição. Após ressurgirem, "eles regressarão ao seu próprio lugar, para gozar aquilo que estiverem prontos a receber, porque não se mostraram inclinados a gozar daquilo que poderiam ter recebido." (D&C 88:32)

Aqueles filhos da perdição (talvez apenas uns poucos em número) serão ressuscitados, mas não redimidos do poder de Satanás, porque continuam imundos; como diz deles o Profeta Alma: "... estarão como se nenhuma redenção houvesse sido feita; pois que não poderão ser remidos segundo a justiça de Deus; e não poderão morrer, por não haver mais corrupção." (Alma 12:18)

Presumo que ter um corpo e nada poder fazer com ele será um verdadeiro inferno. Todos os demais homens serão salvos da morte, do inferno, do demônio e do tormento eterno pela graça de Deus.

O genuíno valor do sacrifício de Cristo significa muito mais do que essa salvação generalizada que virá

a toda a humanidade. Existe uma salvação adicional planejada por Deus para seus filhos. Esta é individual e condicionada não sòmente à graça como também à obediência da lei evangélica. Um dos profetas do Livro de Mórmon explica por que ele e seus companheiros se preocupavam tanto em ensinar mais a respeito de Jesus Cristo, ao escrever:

"Porque trabalhamos diligentemente para as escrever, a fim de persuadir nossos filhos e nossos irmãos a acreditarem em Cristo e a e a se reconciliarem com Deus; pois sabemos que é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer." (II Néfi 25:23)

Esta reconciliação plena com Deus é extremamente importante para mim, pois o que me interessa é a idéia de uma expiação ou reconciliação pessoal que pode levar-me de volta à presença de Deus como um de seus filhos do convênio. É isto que eu chamo de exaltação.

A exaltação é um dom de Deus dependente da minha obediência à sua lei. Nada que eu possa realizar com minha própria força poderá fazer com que aconteça. Somente pela graça de Deus foi aberto esse caminho, porém apenas pela obediência às leis de Deus posso reclamar minha herança no reino celestial do Pai, como filho no seio da sua família. Não posso ser exaltado em meus pecados, tendo que trabalhar até conseguir superá-los.

Amuleque, o profeta, explicou isto claramente, quando diz de Deus:

"E eu te digo outra vez que ele não os pode salvar em seus pecados; e eu não posso negar a sua palavra, pois ele disse que nada impuro pode herdar o reino dos céus; como, portanto, podereis ser salvos, a menos que herdeis o reino dos céus? Portanto, não podereis ser salvos em vossos pecados." (Alma 11:37)

Depois, Amuleque fala da razão da vinda de Cristo:

"E virá ao mundo para remir a seu povo; e tomará sobre si as faltas daqueles que acreditarem em seu nome; e estes são os que terão a vida eterna, e não haverá salvação para mais ninguém.

"Portanto, os perversos permanecerão como se não tivesse havido redenção, sendo-lhes apenas afrouxadas as cadeias da morte; pois dia virá em que todos se levantarão da morte e se apresentarão perante Deus, que os julgará segundo suas obras." (Alma 11:40-41)

Essas obras, que seguem o verdadeiro exercício de fé, incluem arrependimento, batismo, recebimento do Espírito Santo, e constante retidão até o fim da vida.

Tenho um primo, Rodney Moyle, que vive perto de Boise, Idaho. Quando vem à Cidade do Lago Salgado, costuma sempre dar um pulo ao meu escritório para um "alô". Gosto imensamente de conversar com ele, pois sempre deixa comigo uma nova jóia de pensamento. Em sua última visita, perguntou-me:

— Se pudesse levar consigo deste mundo algo caro ao coração, o que você levaria?

Para mim, a resposta era óbvia:

— Minha família e aos que quero bem!

E eu **posso** levá-los comigo através do cumprimento das leis de Deus. Sòmente pela obediência à lei do Evangelho é possível esse grau maior de salvação que me incluirá e à minha família

Essa possibilidade de relacionamento familiar eterno é que se chama exaltação e vida eterna. Preservar este relacionamento será minha herança no reino de Deus, se eu quiser pagar o preço para obtê-la. Mesmo aqueles no reino celestial que não pagaram o preço total de obediência para fazer jus a esta ulterior exaltação, terão apenas imortalidade e não vida eterna dentro da ordem familiar de Deus.

Assim, pois, ser salvo em seu verdadeiro e total sentido, é sinônimo de exaltação e vida eterna. Essa herança no seio da verdadeira família de Deus, o Pai Eterno, através de Jesus Cristo, é o tema principal das Escrituras e deveria ser a meta de todo o homem, mulher e criança nascidos nesta terra. Essa salvação plena é obtida unicamente na e por meio da unidade familiar preservada na eternidade.

Quando o anjo Morôni veio para dar a Joseph Smith suas primeiras instruções referentes à restauração do Evangelho nesta dispensação, ele citou o Profeta Malaquias, um pouco diferente do que consta na Bíblia:

"Pois eis que vem o dia que arderá como fornalha, e todos os soberbos, sim, e todos os que obram iniqüidade serão queimados como o restolho; pois os que vierem os abrasarão, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo." (Joseph Smith 2:37)

Para entender esta passagem das Escrituras, leia-se "progenitores" ou "antepassados em lugar de **raiz,** e "posteridade" ou "filhos" em lugar de **ramo.** Portanto, a menos que, por meio de obediência às leis de Deus, vos qualifiqueis para entrar no templo e fazer selar a vós a vossa família, havereis de viver para sempre separada e isoladamente em es-

tado de solteiro. Parece-me que isto seria um tipo de existência sumamente solitária — terdes que viver sem a cálida influência da vida familiar entre aqueles que amais e que também vos amam.

A respeito dos que não estão dispostos a pagar o preço total da exaltação por meio de plena obediência à sua inteira lei, diz Deus:

"Portanto, quando estiverem fora deste mundo, não se casam nem são dados em casamento, mas são designados anjos nos céus, servos ministradores para ministrar por aqueles que são dignos de uma maior, suprema e eterna medida de glória.

"Pois estes anjos não guardaram a minha lei; portanto, não podem progredir, mas permanecem separados e solteiros, sem exaltação no seu estado de salvação por toda a eternidade; e portanto, não são deuses, mas anjos de Deus para todo o sempre." (D&C 132:16-17)

É por esta razão que o Senhor prometeu que nos revelaria o Sacerdócio pela mão de Elias, o profeta, antes de sua segunda vinda, a fim de implantar em nosso coração as promessas feitas aos nossos pais, de modo que se voltassem a eles e aos nossos filhos os nossos corações. Se não conseguirmos atingir esta meta de exaltação familiar eterna, nossa vida na terra será completamente desperdiçada, quando Cristo vier pela segunda vez.

Convém, então, que penseis em vossa família e como obter vossa herança no Senhor, selada sobre vós e aqueles a quem amais. Permiti perguntar-vos com as palavras de Rodney:

— Se pudésseis levar convosco deste mundo algo caro ao coração, o que levaríeis?

Que Deus vos abençoe, para que efetueis a escolha certa, pois testifico-vos que Deus vive e que o poder do seu Sacerdócio está sobre a terra, por meio do qual podeis obter vossa exaltação no reino dele, como seus filhos do convênio, através de obediência plena à sua lei. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

O HORIZONTE ETERNO DO HOMEM

O que é a fé e por que leva ao conhecimento do Senhor

Com toda razão, diz-se que a maior posse de um homem ou nação é a fé, e que aqueles que construíram este país e fizeram-no prosperar durante seus dias mais negros, foram homens de fé inabalável, homens de coragem, homens de visão, sempre olhando para diante e nunca para trás.

O mesmo pode, em verdade, ser dito daqueles que estabeleceram a Igreja sob a inspiração e revelação de nosso Senhor, e daqueles que continuaram edificando sobre os alicerces lançados pelos primeiros. Estes também foram e são homens de testemunho inquebrantável e fé inflexível.

Penso que talvez jamais houve maior necessidade de fé do que hoje em dia, particularmente fé na liderança divina. Como regra geral, os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias nisto crêem, mas o mundo precisa de fé em Deus, de que ele governa o mundo; e o povo desta nação e do

mundo disto necessita, fé no Deus desta terra e fé no Deus do mundo, que é Jesus Cristo.

Muitos de nós já tivemos a experiência de viajar em navio pelo oceano. Olhando nas diferentes direções, não vemos nada além de água. Tão distante quanto alcança a vista humana, o céu se curva até encontrar a água. O sol surge no horizonte, e à tarde, também se põe no horizonte. O mesmo acontece quando estamos em terra; o limite da nossa visão é o horizonte. Não é verdade também que o limite de nossa percepção espiritual é o horizonte que vemos?

O que dizer do nosso horizonte espiritual? Estará limitado à luta presente pelas coisas deste mundo? Estará limitado à obtenção das coisas da carne? Estará limitado à nossa disputa com o mundo ávido de dinheiro, à aquisição de coisas mundanas da vida ,ou será que se estende a uma eternidade com Deus e com nossos entes queridos no mundo vindouro?

Nosso horizonte deveria estender-se a um futuro ilimitado além da morte — para além das coisas de natureza temporal. Nosso horizonte do futuro não deveria confundir-se com o horizonte restrito das condições presentes.

Nossa filosofia de vida contempla uma eternidade de vida — vida sem início antes de chegarmos aqui, vida sem fim no mundo futuro. A felicidade presente e futura depende de nossas ações aqui. Por isso, devemos buscar sempre as coisas mais refinadas. A estrada que leva à vida eterna tem que ser pavimentada com obediência aos mandamentos do Senhor.

Outrora habitamos, em espírito, na presença de nosso Pai, e regozijamo-nos com a oportunidade de vir à terra, assumir a mortalidade e passar pelas experiências que aqui encontramos, a fim de que pudéssemos provar-nos dignos de experiências e bênçãos maiores.



Élder Joseph Anderson

Assistente dos Doze

Enquanto aqui, não devemos gozar a presença de nosso Pai, mas podemos comunicar-nos com ele, e também ouvir a sua voz, quando necessário. Temos o Espírito Santo como guia, companheiro e monitor, se nos mostrarmos dignos dessa bênção.

Para alguns, parece difícil ter fé em um ser eterno e em que ele pode comunicar-se com o homem, que ouve e atende a nossas preces, que é o Pai de nosso espírito, pois somos seres de caráter dual, espiritual e físico; que ele nos ama; que nos deu mandamentos, os quais, se aceitos e obedecidos, resultarão em bênçãos tanto temporais como eternas para nós.

Houve época em que os homens teriam zombado de qualquer um que dissesse que, futuramente, poderíamos ficar sentados em casa, vendo e ouvindo, por meio do rádio e televisão, coisas que estivessem acontecendo no mesmo dia em nosso próprio país, ou na Europa, Ásia, América do Sul e África; que estas reuniões de conferência seriam televisadas e transmitidas ao mundo por meio de notáveis dispositivos eletrônicos.

Em nossos dias, temos visto homens andando na lua, e ouvido as mensagens por eles enviadas através do espaço imenso entre nós e a lua, e contemplamos as imagens que estavam transmitindo.

Essas coisas foram realizadas pela fé, pelo trabalho e pela inteligência.

Poderemos falar com Deus?

Podem nossas preces, sejam em pensamento ou em palavras, subir ao Pai de todos nós, e tem ele o poder de responder a elas?

No estado espiritual, antes de virmos para cá, vivíamos **pela vista;** aqui, na existência mortal, andamos pela fé. O Espírito de Deus dá testemunho ao espírito do homem de que somos filhos de Deus; que ele nos ama; e que a vida terrena tem um propósito, grande e vasto, um propósito glorioso; que, guardando os mandamentos dados por ele, poderemos ganhar conhecimento e entendimento; que podemos adquirir experiência, vencendo a oposição com a qual temos que contender; que havemos de ressurgir da sepultura no devido tempo do Senhor e eventualmente retornar à sua presença, se vivermos com dignidade. Eis o horizonte maior que não devemos perder de vista.

Alma, um dos profetas do Livro de Mórmon, relata uma experiência de seu tempo a respeito de um povo que fora excluído das sinagogas por causa de suas vestes grosseiras, um povo que era pobre nas coisas deste mundo e igualmente pobre de coração. Eles o procuraram e expondo sua situação, indagaram o que deviam fazer. Alma respondeu, explicando-lhes o princípio da fé e ensinando-lhes a palavra de Deus.

Concernente à fé, diz ele que "fé não é ter um perfeito conhecimento das coisas; portanto, se tendes fé, tendes esperança nas coisas que não se vêem e que são verdadeiras". (Alma 32:21)

Nesse ponto, alma passa a comparar suas palavras, que verdadeiramente são a palavra de Deus e o Evangelho da salvação, a uma semente plantada pelo homem. Sugere que, se dermos lugar em nosso coração para que seja plantada uma

semente, não a rechaçando ou resistindo ao Espírito do Senhor, se for verdadeira, ela começará a germinar em nosso peito; e quando sentirmos esse germinar, não poderemos deixar de admitir que a semente é boa, pois que dilata a alma e começa a iluminar o entendimento, tornando-se deliciosa para nós. Além disso, quando a semente, ou palavra, ou o Evangelho, incha e brota e começa a crescer em vossa alma, sabeis que é semente boa, e por conseguinte, vosso conhecimento é perfeito; então, já não é mais fé porém, conhecimento.

As pessoas às vezes alegam que não se pode ter certeza se o Evangelho é verdadeiro. Como foi indicado por Alma, se não rechaçardes ou resistirdes ao Espírito do Senhor, quando ouvis a palavra de Deus, o intumescimento em vosso peito, dilatação d'alma e iluminação do entendimento são de natureza tal, que vos fazem saber que é a verdade.

Contudo, isto é apenas o começo. É preciso que nutrais a semente; em outras palavras, deveis cultivar o vosso testemunho de que é verdade, vivendo os ensinamentos do Evangelho.

Se assim fizerdes, diz o antigo profeta, a semente crescerá, tornando-se uma árvore e dará frutos. Mas, se a planta for negligenciada, não poderá enraizar; e, quando ela for abrasada pelo calor do sol, murchará e acabará morrendo. E isto acontece não porque a semente, ou palavra de Deus, não seja boa ou porque o fruto dela não é desejável, mas o solo era estéril e a planta ou árvore não foi cuidada, não podendo, assim, produzir o fruto que, em caso contrário, se poderia ter colhido.

Se, entretanto, tiverdes fé e paciência para cultivar a palavra, ou a árvore, com o passar do tempo podeis colher de seus frutos, que são sumamente preciosos e aprazíveis ao paladar.

Eu vos testifico que, se fizerdes estas coisas — se tentardes sinceramente essa experiência referente à palavra de Deus conforme está contida no Evangelho de Jesus Cristo, e viverdes de acordo com os mandamentos nele prescritos, cultivando as verdades do Evangelho — haveis de ter o privilégio de banquetear-vos com esses frutos; a vossa fé será plenamente recompensada e transformar-se-á em conhecimento seguro da veracidade do Evangelho de Jesus Cristo.

Nós testificamos que, quando a ocasião o exige, a voz de Deus pode ser ouvida pelos profetas modernos do Senhor; que eles podem entrar em sintonia pelo instrumento da fé; e que até mesmo vós e eu podemos enxergar além do véu, se de conformidade com a vontade do Senhor e se estivermos em sintonia com o Infinito.

Os santos dos últimos dias crêem e pregam que, sem a experiência da vida mortal, seus problemas e realizações, e sem um corpo ressuscitado, o espírito do homem não pode obter a plenitude de alegria. Nossa filosofia de vida contempla uma eternidade de existência — vida sem início no mundo preexistente e vida futura por todas as eternidades.

Nossa felicidade nesta vida e na vindoura depende de nossos atos aqui na terra. Se quisermos atingir a meta de salvação e exaltação eternas no reino de nosso Pai Celestial, temo-nos que apegar firmemente à barra de ferro, que é a palavra de Deus, e prestar obediência aos mandamentos de nosso Senhor.

Conta-se que, em certa ocasião, Sir Isaac Newton meditava seriamente sobre a natureza da luz. Fez, então, um furo na veneziana de uma janela, e um raio de luz penetrou no quarto. Ao colocar um pedaço de vidro triangular na trajetória da luz, foram refletidas com grande beleza todas as cores do arco-íris. E assim, pela primeira vez, o homem viu que todas as gloriosas cores do universo estão encerradas num raio de luz branca.

É importante que vivamos todos os princípios do Evangelho e obedeçamos a todos os mandamentos que o Senhor nos deu, se quisermos crescer, tornando-nos mais semelhantes ao Pai e seu Filho Bem-amado. Nós não podemos dizer:

— Oh, sim, eu creio no trabalho missionário — ele é importante; estou inteiramente convertido ao plano do bem-estar ou ao maravilhoso programa social da Igreja para a mocidade; mas não creio que Joseph Smith tenha sido um profeta ou que nossos profetas atuais sejam guiados por revelações de nosso Senhor.

Outros podem dizer:

— Creio no Livro de Mórmon, mas não consegui acreditar que tenha sido recebido de um anjo, como afirmou Joseph Smith.

Com uma fé assim vacilante, como pode a pessoa esperar obter a verdadeira luz de Cristo, o verdadeiro entendimento e a luz do Evangelho? Como pode esperar receber as bênçãos prometidas pelo Senhor aos que são fiéis? Se deixar de lado qualquer desses princípios, ele não conseguirá a pura luz branca. Se falhar em ter fé em todos os princípios do Evangelho e não a tiver para viver de acordo com eles, este homem não pode esperar conseguir a pura luz do Evangelho em seu coração.

Se na verdade tendes suficiente fé em Deus para induzir-vos a guardar seus mandamentos, então vos aproximareis dele e ele chegará mais perto de vós, e vossa fé se tornará em conhecimento e o limite de vosso horizonte se estenderá até o mundo eterno.

Que possamos crescer na fé através do amor e bênção de nosso Mestre e Salvador. Que possamos guardar os mandamentos que ele nos tem dado, a fim de, finalmente, encontrar salvação e exaltação em seu reino celestial, eu oro em nome de Jesus Cristo .Amém.

Gino e o Estranho

Bernadine Beatie





Gino ia à frente, pela íngreme trilha que levava às montanhas da pequena ilha grega onde vivia. Voltando um olhar por sobre o ombro, surpreendeu-se de ver o estranho, Markos Nikkaris, tão bem disposto quanto no início da escalada.

— Vamos descansar um momento, Markos, — propôs Gino.

— Mas ainda nem sequer perdemos de vista a aldeia! — respondeu Markos, indicando os telhados lá em baixo, que pareciam pequenos bloquinhos avermelhados, descendo em busca das águas azuis do Mar Egeu.

— Ainda temos muito que andar, — explicou Gino, franzindo o cenho desaprovadoramente, ao ver Markos largar sua pesada mochila

— P'ra que trazer tanta coisa? — perguntou. — Eu trouxe só comida e um cobertor.

— Eu gosto de ter à mão tudo o que posso precisar numa escalada, — retrucou Markos secamente, e desdobrou o mapa esboçado pelo avô de Gino. — Em que ponto estamos?

— Por aqui, — suspirou Gino, apontando um lugar no mapa. Ele não queria guiar Markos na longa excursão até as ruínas do antigo templo. Mas o avô insistira.

Em tempos passados, o avô de Markos vivera na ilha, e havia sido bom amigo do avô de Gino, quando garotos. Esta era a primeira estada de Markos na ilha e insistira em visitar as ruínas das quais o avô costumava falar tanto.

— Por que não leva Stephanos e Constantine com vocês? — sugeriu o avô, quando Gino reclamara sobre ter que ir com Markos.

— Eles não querem ir, — resmungou Gino. — Não gostam do Markos!

— Depois de o conhecerem tão pouco tempo? — indagou o avô, surpreso.



— Markos fica o tempo todo fanfarronando sobre a bela casa deles em Atenas e do excelente carro da família. Só sabe falar das montanhas que escalou na Itália, Suiça e França, — carranqueou Gino. — Ele nos acha todos uns ignorantes e caipiras!

O avô ignorou as palavras do neto.

— O avô de Markos e eu costumávamos passar muitas horas gostosas nas montanhas.

— Mas vocês eram amigos, vovô, não estranhos, — atalhou Gino.

— O que você entende por **estranho,** Gino?

— Alguém que não se conhece, — respondeu o garoto, com um ar de ombros, — nem quer conhecer.

— Quem sabe você ainda muda de idéia, — comentou o avô.

Agora, lançando um olhar às sólidas botas de escalador de Markos e sua roupa bem talhada, tão diferente da sua, Gino pensou: **Vovô está errado; Markos sempre será um estranho!**

— Gino, por que seus amigos não gostam de mim? — indagou Markos, fazendo Gino voltar de suas divagações sobre a conversa com o avô.

— Por que pergunta assim? — Gino retrucou evasivamente, pondo-se de pé. — Vamos indo, já descansamos bastante.

Markos deu de ombros e obedeceu. Ao meio dia, os rapazes seguiam por uma trilha estreita que serpeava em torno de uma saliência no penhasco escarpado. Num ponto mais espaçoso, Gino parou para o almoço e descanso.

— Andamos depressa, — comentou. — Chegaremos às ruínas em tempo de acampar antes do escurecer.

— Ótimo. — disse Markos mordendo com gosto a crosta de pão com queijo oferecida por Gino. — Eu trouxe carne e frutas.

— Então é isso que você carrega nessa sua pesada mochila! — comentou Gino.

— Isso e mais outras coisas, — replicou o garoto.

— Você é bom alpinista, Markos, — reconheceu Gino, com má vontade

Markos sorriu largamente.

— Eu não lhe disse que era?

— Pensei que fosse mais uma de suas basófias! — falou Gino sem pensar.

— Eu não costumo basofiar! — retrucou Markos, vermelho de raiva. — Tudo o que contei a você e seus amigos é verdade!

— Esqueça, — resmungou Gino.

— Esqueça, pois sim! — gritou Markos com raiva. — E quanto a você e seus amigos? Vocês vivem falando de como são bons nadadores e mergulhadores; e se jactam de quão melhor é viver aqui do que na cidade!

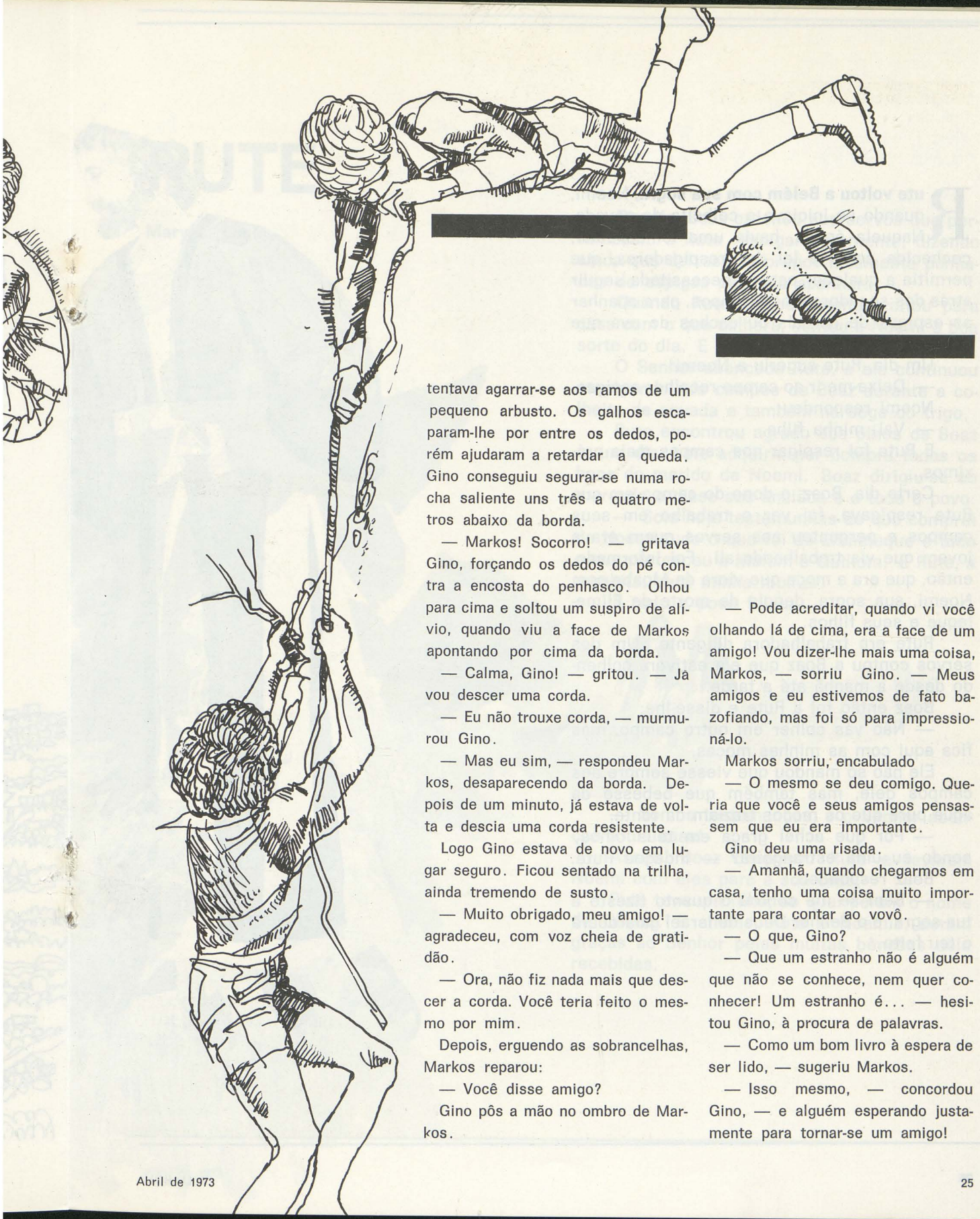
Os olhos de Gino se arregalaram.

— Nós não somos fanfarrões! — exclamou.

— Oh, são, sim! E fizeram pouco de mim, porque confundi cabra com ovelha. — Markos se pôs de pé — Volte para junto de seus amigos, Gino. Posso continuar sozinho! Sei que veio comigo só para agradar a seu avô.

— Espere aí, Markos! — chamou Gino, ao ver Markos correndo pela trilha depois de agarrar a mochila.

Gino levantou-se depressa para segui-lo, mas pisou numa pedra solta e, no instante seguinte, estava escorregando pela borda do penhasco. Soltou um grito de terror enquanto



tentava agarrar-se aos ramos de um pequeno arbusto. Os galhos escaparam-lhe por entre os dedos, porém ajudaram a retardar a queda. Gino conseguiu segurar-se numa rocha saliente uns três a quatro metros abaixo da borda.

— Markos! Socorro! — gritava Gino, forçando os dedos do pé contra a encosta do penhasco. Olhou para cima e soltou um suspiro de alívio, quando viu a face de Markos apontando por cima da borda.

— Calma, Gino! — gritou. — Já vou descer uma corda.

— Eu não trouxe corda, — murmurou Gino.

— Mas eu sim, — respondeu Markos, desaparecendo da borda. Depois de um minuto, já estava de volta e descia uma corda resistente.

Logo Gino estava de novo em lugar seguro. Ficou sentado na trilha, ainda tremendo de susto.

— Muito obrigado, meu amigo! — agradeceu, com voz cheia de gratidão.

— Ora, não fiz nada mais que descer a corda. Você teria feito o mesmo por mim.

Depois, erguendo as sobrancelhas, Markos reparou:

— Você disse amigo?

Gino pôs a mão no ombro de Markos.

— Pode acreditar, quando vi você olhando lá de cima, era a face de um amigo! Vou dizer-lhe mais uma coisa, Markos, — sorriu Gino. — Meus amigos e eu estivemos de fato bazofiando, mas foi só para impressioná-lo.

Markos sorriu, encabulado

— O mesmo se deu comigo. Queria que você e seus amigos pensassem que eu era importante.

Gino deu uma risada.

— Amanhã, quando chegarmos em casa, tenho uma coisa muito importante para contar ao vovô.

— O que, Gino?

— Que um estranho não é alguém que não se conhece, nem quer conhecer! Um estranho é... — hesitou Gino, à procura de palavras.

— Como um bom livro à espera de ser lido, — sugeriu Markos.

— Isso mesmo, — concordou Gino, — e alguém esperando justamente para tornar-se um amigo!

Rute voltou a Belém com sua sogra, Noemi, quando se iniciava a colheita de cevada. Naquela época, havia uma lei especial, conhecida como a lei dos respigadores, que permitia a qualquer pessoa necessitada seguir atrás dos segadores, nos campos, para apanhar as espigas de cereais ou cachos de uva que sobravam caídos no chão.

Um dia, Rute sugeriu a Noemi:

— Deixa-me ir ao campo recolher espigas.

Noemi respondeu:

— Vai, minha filha.

E Rute foi respigar nos campos mais próximos.

Certo dia, Boaz, o dono do campo em que Rute respigava, foi ver o trabalho em seus campos e perguntou aos servos quem era a jovem que via trabalhando ali. Foi informado, então, que era a moça que viera de Moabe com Noemi, sua sogra, depois da morte de Elimeleque e seus filhos.

Rute era trabalhadora diligente. Um dos servos contou a Boaz que ela estivera colhendo desde a manhã até a tarde.

Boaz então foi a Rute e disse-lhe:

— Não vás colher em outro campo, mas fica aqui com as minhas moças.

Ele não só mandou que viesse sempre aos campos dele, mas também que bebesse da água pura que os moços traziam da fonte.

— Por que achei graça em teus olhos, sendo eu uma estrangeira? — indagou Rute.

Boaz respondeu:

— Bem se me contou o quanto fizeste a tua sogra, e o Senhor Deus de Israel galardoará o teu feito.



RUTE

Mary L. Lusk



Depois, Boaz ordenou aos servos que permitissem a Rute respigar livremente, dizendo ainda que deixassem propositadamente punhados de espigas para ela apanhar.

Quando Rute, naquela noite, voltou para casa com o que colhera, contou a Noemi a boa sorte do dia. E Noemi alegrou-se.

O Senhor abençoou Rute, e ela continuou respigando nos campos de Boaz durante a colheita de cevada e também na sega do trigo.

Rute encontrou agrado aos olhos de Boaz e, um dia, este adquiriu por compra todos os bens do marido de Noemi. Boaz dirigiu-se ao mercado e disse aos anciãos e a todo o povo:

— Sois hoje testemunhas de que comprei de Noemi tudo o que foi de Elimeleque e tudo o que pertenceu a Malom e Quiliom. E Rute, a moabita, será minha mulher.

E todo o povo falou:

— Somos testemunhas, e o Senhor abençoe a tua casa!

Assim, Boaz desposou Rute e levaram Noemi com eles para a sua casa.

Rute teve um filho, ao qual deram o nome de Obede. E ambas, Rute e Noemia, deram graças ao Senhor pelas muitas bênçãos dele recebidas.

De Um Amigo Para Outro



Élder James E. Cullimore
Assistente dos Doze

Lembro-me de, quando criança, ficar ouvindo as muitas experiências missionárias de meu pai, Albert Lorenzo Cullimore, e de como suas preces eram respondidas.

Nos primeiros tempos da Igreja, os missionários viajavam sem bolsa nem alforje. Isto quer dizer que não levavam dinheiro algum, nem as outras coisas costumeiras. Eles dependiam inteiramente do Senhor para obter comida, um lugar para dormir e a roupa de que necessitavam.

Durante o tempo de sua missão, meu pai sempre teve um lugar para dormir e comida suficiente. Certa vez, contudo, sentia-se desanimado por causa de sua condição e a aparência surrada e miserável das roupas. Tinha caminhado tanto, que a sola dos sapatos estava furada; o paletó e calças apresentavam rasgos; a camisa estava desbotada e puída, e os galhos baixos das árvores haviam produzido furos no seu chapéu. Ele orou ao Senhor como nunca havia feito antes para que o ajudasse a obter roupas novas.





Pouco depois, papai chegou à cidade que era sede do condado. Quando foi pegar sua correspondência, havia três cartas esperando por ele, todas contendo dinheiro. Além disso, encontrou duas ou três pessoas que também lhe deram uma certa quantia. Assim, pôde ir à loja e comprar o necessário. Quando o balconista somou o valor das compras, a nota dava exatamente a soma de que dispunha. Papai sempre dizia: "Isto foi realmente uma resposta à oração".

Depois de estar em missão cerca de um ano e meio, estava bastante preocupado de não ter possibilidade de mandar um presente de aniversário à esposa. Ficou muito triste com isso e um tanto saudoso de casa. Como desejava ter algo para mandar para ela nessa data especial!

Eis como meu pai contava o caso:

"Orei fervorosamente, para que pudesse ser capaz de mandar um presente de aniversário à minha esposa. Ao jejuar, fazia menção especial desse desejo em minhas preces.

"Na época, estávamos pregando numa região escassamente povoada, nos altos das ondulantes colinas de Cumberland. As casas estavam dispersas, distantes uns três quilômetros uma da outra e havia pouco tráfego na área. A população ali radicada era paupérrima.

"Um dia, caminhávamos por uma estrada de carroça que parecia não ter visto quase nenhum tráfego há semanas. Olhando para o chão, deparei com um belo broche jogado no meio do caminho. Estava preso num cartão como que recém-saído da oficina. Não parecia provável que alguém da vizinhança tivesse meios para um broche aparentemente tão dispendioso. Quando mostrei o achado ao meu companheiro, ele disse: 'Eis a resposta às suas orações.'

"Indagamos em todas as casas visitadas durante os dias seguintes, para saber se o broche pertencia a alguém, mas nenhuma pessoa sabia dele. Depois de convencidos de que não fora perdido por ninguém da vizinhança, arranjei uma caixinha e enviei o broche à minha mulher como presente de aniversário.

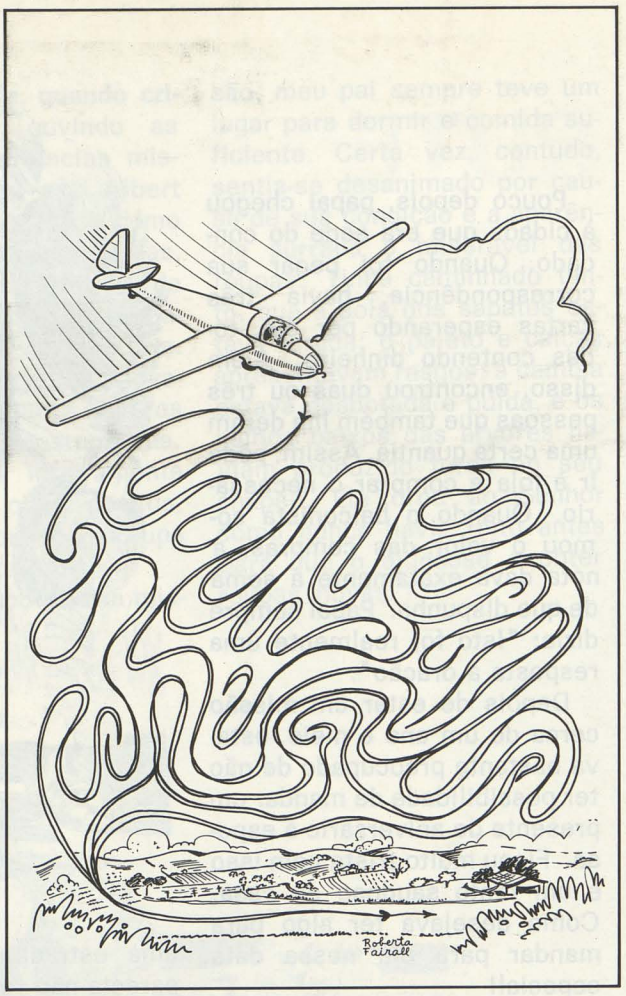
"Ela, naturalmente, ficou surpresa ao receber tão belo presente e admirou-se de como eu pudera adquiri-lo. Usou-o até eu voltar para casa, mas quando soube que eu o conseguira em resposta a uma oração, deixou de usá-lo com medo de perdê-lo."

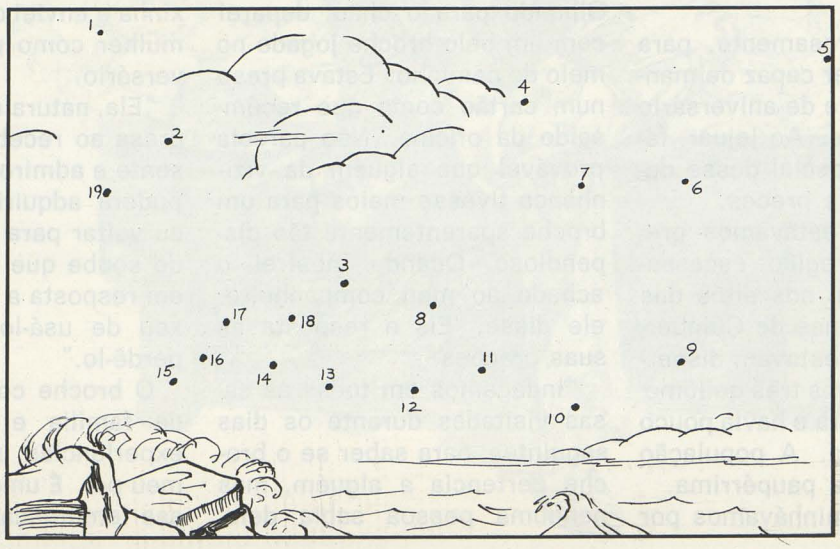
O broche continua de posse da família e recorda-nos as experiências missionárias de meu pai. É uma das mais valiosas lembranças que temos.

PARA DIVERTIR



Qual a Rota?





Use Aquilo Que Tem.

Robert K. Thomas

Enquanto fazia o colegial, eu estava decidido a tornar-me campeão mundial dos pesos-pesados. Estávamos na época da depressão, e esse era o único meio rápido que conhecia para arranjar um milhão de dólares. Eu era um sujeito grandalhão, tendo vencido facilmente algumas lutas entre amadores no colégio. A visão do que poderia ter dentro de uns poucos anos me fascinava. Contudo, reconhecia vagamente que os adversários enfrentados não eram grande coisa e que, provavelmente, necessitava de um bom treinador, antes de chegar a ser o **"esperado lutador".**

Quando um rijo homenzinho se mudou para a casa vizinha e dei uma olhadela no seu rosto, senti que ali estava o almejado auxílio. Corri para ajudá-lo na mudança, e a primeira pergunta que lhe fiz foi:

— O senhor é lutador de boxe?

Ele deu um meio sorriso e disse:

— Parece evidente, não parece, filho? Sim, fiz umas setenta a oitenta lutas como profissional.

Então eu falei:

— Também sou lutador!

Olhando para mim, respondeu:

— Bem, tamanho você tem.

Eu prossegui:

— Ainda assim, não tive nenhum treino de verdade. O senhor não poderia dar-me algumas "dicas"? Até hoje, venci todas as lutas.

Após hesitar por um instante, replicou:

— Pois bem. Apareça na minha garagem qualquer dia desses.

Não esperei por qualquer dia desses. Apareci na mesma tarde. Ele sorriu um pouco diante de minha sofreguidão, mas, finalmente, deu um jeito de localizar um par de enormes luvas de treino. Ele devia pesar uns sessenta a sessenta e cinco quilos, enquanto eu andava lá pelos oitenta e cinco. Tirando a camisa, observei:

— Parece que sou um pouco mais pesado, não é?

Ele não respondeu a isso, mas, ao amarrar as luvas, falou:

— Bem, meu filho, eu luto por instinto. Não consigo pensar antes de acertá-lo. Assim que vir uma brecha, eu o acertarei. Só quero que entenda que, se eu bater um pouco mais forte do que acha justo, não é por querer.

Ao que respondi:

— Certo. Eu também não vou fazer cerimônias com o senhor.

Levantou os olhos para mim, mas não sorriu. Apenas disse:

— Não se preocupe com isso, filho.

O resto da história é meramente lastimável. Eu não cheguei a tocá-lo — nem cheguei a **tocá-lo.** Subitamente, após um minuto, quando estava obviamente com a guarda totalmente aberta sem sequer notá-lo, ele me acertou na ponta do queixo. Sua enorme luva de treino parecia esconder uma barra de ferro. Caí como um saco de farinha. Não foi bem um nocaute, mas estava bastante aturdido. Quando minha cabeça clareou e levantei os olhos, ele estava tirando as luvas. Pus-me de pé com um pulo, dizendo:

— Ora, vamos! Agora já sei a diferença entre um amador e um profissional, mas o senhor pode-me ajudar.

Ele, porém, continuou balançando a cabeça e tirando as luvas: A visão do um milhão de dólares começou a desvanecer-se. Quase que em pânico, agarrei-o, implorando:

— Então não quer ajudar-me?

Ele apenas libertou-se com uma sacudidela.

Nesse exato momento, passou voando uma reluzente mosquinha nova. Ele estendeu a mão e capturou-a, dizendo:

— Agora, filho, é a sua vez. Pegue a seguinte.

Pouco depois, apareceu uma mosca já velha, senil, e eu tentei pegá-la diversas vezes Não consegui nem chegar perto. Então ele falou:

É aí que está o seu defeito. Seus reflexos não são suficientemente rápidos. E nunca serão. Não há nada que possa fazer sobre isso, filho. você é um bocado alto; alguma vez já pensou em jogar basquete?

Arrastei-me para casa, o mundo inteiro desabando em torno de mim. Mamãe estava doente, acamada, como passou uma boa parte de sua vida. De fato, foi o último verão que viveu. Eu estava sentindo bastante pena de mim mesmo. Fui para junto dela, contei o que me havia acontecido e perguntei:

— Por que acontecer a **mim?** Por que meus reflexos não são mais ligeiros?

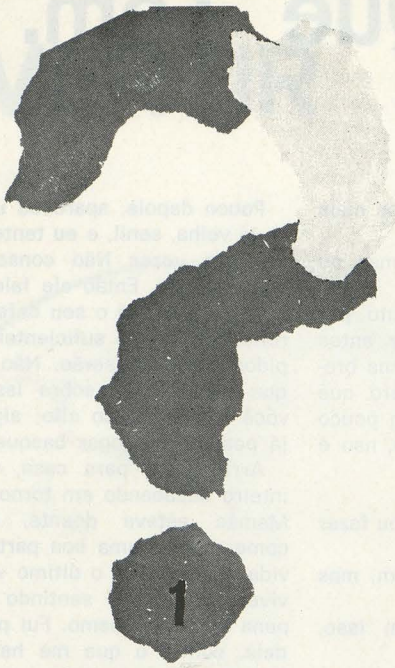
E continuei a me lamentar desse jeito, até que mamãe parece ter-se cansado. Ela tinha dores e, finalmente, disse com bastante firmeza:

— Ora vamos, Bobby, o que você **tem** é suficiente!

Nada mais que mamãe me disse tem sido tão útil como isto. "O que você **tem** é suficiente!" Quando se sentir frágil e inadequado, permita-me insistir que o que **você** tem é suficiente, desde que — nas palavras memoráveis de Henry James — você seja o "tipo de pessoa em quem nada é perdido". Jamais precisará ser tão ignorante como é hoje, nem tão inábil ou despreparado. Você pode capitalizar os pontos fortes que possui e progredir positivamente.

Não pense inútil e infrutiferamente no dia em que vai estudar, em que pretende ler todos aqueles bons livros, ao invés de ficar vendo frívolos programas de televisão. Você está **vivendo** a vida que pretende. Como o Irmão Richard L. Evans costumava dizer: "O que vai acontecer, está acontecendo."

As respostas visam esclarecer e dar perspectiva; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja.



"Que tipo de pessoa, você acha, daria o marido ideal para sua filha?"



Stella H. Oaks
Supervisora de Educação Geral e de Adultos.
Escolas Municipais de Provo.

A maioria das mulheres, especialmente as mães, são casamenteiras por formação, diferindo apenas na sutileza com que examinam um rapaz mórmon com vistas aos valores tanto práticos como eternos.

Eu procuraria um que se mostra à vontade com a família, quando visita minha filha, que nos informa de seus planos para a noite, de modo que saibamos a que horas estarão de volta, que nos comunicará por telefone, se houver um imprevisto inevitável; em suma, alguém que se preocupa sinceramente com os sentimentos alheios.

Eu procuraria alguém que tenha confiança em si próprio e em sua masculinidade — seus modos viris — bem cuidado no vestir e boa apresentação, bondoso e gentil, e que demonstre calor e interêsse. Sem estas qualidades, a feminilidade não pode encontrar sua realização. A mulher foi criada para ser adjutora do marido — mas é ele quem inspira com seu carinhoso cuidado.

Gostaria de que fosse galanteador — satisfazendo, assim, os anseios românticos de toda moça. Shakespeare expressou-o concisamente: "Todo mundo ama o amante." Ele possuirá certa inclinação por alguma das belas artes — música, literatura, dança e teatro — que se tornará parte de seu refinamento pessoal.

Procuraria potencialidade, não perfeição, no rapaz mórmon, e me deleitaria vendo o desabrochar de suas qualidades latentes, pois terá nascido de bons pais que lhe deram o exemplo e são modelos para ele seguir.

Será alguém que honra seu Sacerdócio e possui uma fé crescente de que é filho de Deus, de que pode tornar-se um chefe de família e parte da eterna cadeia familiar. Ele estará nos lugares certos no dia do Sábado, familiarizado com as coisas espirituais e à vontade no trabalho espiritual com outros.

Deve ser ambicioso e ter iniciativa, ser capaz de trabalhar duramente, e estar progredindo em direção à sua independência econômica. As Escrituras deixam bem claro o dever do homem:

"Mas, se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da família, negou a fé, e é pior do que o infiel." (I Tim. 5:8)

Preparar-se para ganhar a vida num mundo competitivo requer coragem e o hábito de responsabilidade já desde cedo. Um moço que se contenta em fazer algo tão pouco original como ficar vendo televisão, encontrará dificuldade em ganhar a confiança de u'a mãe vigilante.

Ele gostará de crianças e aceitará de bom grado a responsabilidade de guiá-las nos caminhos do Senhor. Toda mãe anela tornar-se avó algum dia.

Ele não temerá o futuro, pois costuma orar e crê na orientação e sussurros do Espírito. Obedecerá aos estímulos espirituais, e no devido tempo, presta testemunho compartilhando a força de seu caráter com sua comunidade.

2

"Que tipo de pessoa, em sua opinião, daria a esposa ideal para seu filho?"



Dewitt J. Paul
Patriarca da Estaca Short Hills.
Nova Jersey.

Ao contemplar a nova liberalidade entre os sexos, a crescente taxa de divórcios e a derrocada do lar, um pai santo dos últimos dias não pode evitar uma profunda preocupação com a influência que essas tendências possam exercer quanto ao casamento de seus filhos e filhas. Sob tais circunstâncias alarmantes, torna-se mais importante do que nunca escolher um companheiro conjugal apropriado.

Tenho cinco filhos homens. Se, como pai deles, a sociedade me desse o encargo de escolher suas respectivas esposas, eu procuraria uma jovem que fosse membro fiel e ativo da Igreja. Idealmente esse alguém entenderia como deve ser um verdadeiro lar SUD. Embora tal nora provávelmente não chegasse a ser a adjutora modelo que vou descrever, tenho certeza de que as condições mencionadas contribuiriam para que ela se aproxime o máximo possível do ideal.

Os problemas de ajustamento e compatibilidade seriam diminuídos, se meu filho e sua mulher tivessem alguns interesses comuns e, além de idêntica formação religiosa, um nível educacional, social e econômico de certa forma comparável. Seria desejável que a moça tivesse um grau acadêmico e profissão especializada, porém mais importante ainda seria o desejo de contínuo crescimento e progresso. Seria bom se possuísse certos talentos e habilidades — um interesse pela música ou outras formas de arte, e a habilidade de costurar e cozinhar. Seria ótimo, também, que essa eleita conhecesse o valor do dinheiro.

Para um filho meu, eu escolheria uma esposa de personalidade alegre, jovial, alguém que tivesse calor e afetividade, e aptidão de demonstrá-los nos momentos apropriados. Procuraria alguém proveniente de um lar amoroso. Ela deveria ser compreensiva, gentil e atenciosa, mas, acima de tudo, altruísta. Gostaria de que fosse inteligente e de pendor espiritual, saudável e físicamente atraente, isenta de achaques. Esse atributo físico não significa a mesma coisa para todos e não importa de maneira necessária, que seja uma rainha de beleza; mas, sem dúvida, a futura esposa deve agradar aos olhos do marido e, idealmente, ser um pouco mais jovem do que o homem com quem se casa.

Em última análise, desejaria que a mulher de meu filho fosse primordialmente uma dona de casa, alguém que não se desgostasse das lides caseiras. A maternidade deveria ser seu mais alto anseio — sua principal missão. Por isso, deveria gostar de crianças e sentir profundo desejo de criar sua própria família. Para tanto, deveria ter bastante maturidade e u'a mãe suficientemente sensível para afrouxar os laços até então bastante íntimos.

Espero que essa jovem e meu filho se sentissem profundamente apaixonados um pelo outro — um amor tão belo, que quisessem que fosse selado num templo do Senhor para o tempo e toda a eternidade. Não desejaria que deixassem de conhecer a alegria do amor romântico da juventude, mas gostaria de que reconhecessem que ele é apenas o primeiro passo para uma consorciação madura na qual trabalharão juntamente com o Senhor, no cumprimento do seu sublime propósito de imortalidade e vidas eternas.

Considero a pureza pessoal um atributo indiscutível numa garota mórmon. Teria eu presumido demais, nesta época em que as relações pré-maritais são largamente consideradas como um teste desejável, antes de se entrar num relacionamento matrimonial permanente e sacramentado? Penso que não, pois essa companheira ideal por mim visualizada não teria necessidade de tal recurso. Ela e meu filho devem ter baseado seu namoro, noivado e eventual casamento em bases mais sólidas, fundamentadas em parte ao recorrerem ao Senhor em busca de orientação, quando decidiram se realmente serviam um para o outro.

E agora, depois de tudo o que falei, quero lembrar mais uma vez, simples e concisamente que, se devesse escolher uma esposa para um filho meu, procuraria uma boa garota SUD, amorosa, saudável e inteligente. Mas, ainda mais simplesmente, eu diria a meu filho: "A sua escolha é também a minha."



"Como saber se recebemos o Espírito Santo?"



Leonard J. Arrington
Historiador da Igreja.

Dizem os psicólogos que o problema fundamental da juventude de hoje é a identidade. Aparentemente, as pessoas jovens passam pelo que se convencionou chamar de crise de identidade — crise na qual procuram determinar quem são ou o que são. Isto parece ter-se tornado particularmente difícil para muitos jovens de hoje, por causa das rápidas mudanças a que estão expostos, e a velocidade com que se transformam as personalidades.

De suma importância para toda pessoa é aquele estágio fundamental e cruciante no qual ela estabelece um relacionamento viável com seus semelhantes, com o universo e com Deus. Em termos religiosos, esse processo de identificação do "eu" às vezes corresponde ou é equivalente ao que poderíamos chamar de segundo batismo, ou seja, o batismo pelo fogo. Diz o Apóstolo João que, para ser salva, toda pessoa tem que receber dois batismos — o batismo pela água e o batismo do Espírito. (João 3:3-5) Para alguns de nós, o batismo pela água deu-se aos oito anos de idade. Na confirmação, usualmente um ou dois dias depois, foi-nos dito que recebessemos o Espírito Santo. Não obstante, a grande maioria não sentiu nenhuma metamorfose milagrosa; tampouco tínhamos, na época, maturidade bastante para adquirir uma firme convicção das verdades do Evangelho.

Essa percepção da presença do Espírito Santo e um testemunho firme da veracidade do Evangelho chegam geralmente por volta dos quinze a vinte e cinco anos de idade. É verdade que uma pessoa jovem, criada num lar em que haja a presença do Espírito Santo, poderá sentir sua influência desde que nasce. Assim declarou o Presidente Joseph Fielding Smith, que não conseguia lembrar-se de quando não sentira o Espírito Santo. O Presidente McKay, por outro lado, contou ter orado pelo Espírito Santo quando moço, e que este veio com o correr do tempo, conforme cumpria seus deveres. Para alguns de nós, a coisa acontece quase que imperceptívelmente, até que, num dado momento de introspecção, nós nos vemos como parte de um grande plano divino. Então, compreendemos quem somos, por que estamos aqui, onde vamos e o que devemos fazer. Estabelecemos, assim, uma identidade que nos confirma que Deus vive, que ele atenta para nós e nos ama, e que lhe somos aceitáveis.

Essa percepção da própria individualidade, esse momento de auto-descobrimento, essa consciência de Deus e de seu interesse por nós, às vezes nos comove até às lágrimas, às vezes inspira-nos exaltadas peças retóricas ou poéticas, e quase que invariàvelmente nos motiva a adotar metas valiosas. Quando, mais tarde, voltamos o olhar para esse instante — o estabelecimento de nossa identidade — a aquisição de um testemunho — o segundo batismo — vemos que foi decisivo; ele nos levou a uma grata atividade na Igreja, na escola e na profissão escolhida. Paulo teve uma experiência dessas na estrada de Damasco; Joseph Smith conheceu-a no bosque sagrado de Palmyra; muitos jovens tiveram uma experiência assim durante o último ano colegial, no primeiro ano de faculdade ou durante os primeiros meses de missão. A minha experiência aconteceu quando me dedicava à leitura, na biblioteca da Universidade da Carolina do Norte, onde estava em busca do doutorado em História Econômica.

Sendo uma genuína visitação do Espírito, o segundo batismo faz com que, nas palavras de Helamã, nosso coração seja cheio "como que de fogo". (Hel 5:45) A fonte de nossa alma passa a jorrar arrebatadamente, como se houvesse sido retirada de chofre a sobrecarga de uma secreta mola.

As cartas, diários e autobiografias de antigos líderes da Igreja contém muitas descrições desse batismo do Espírito. Uma destas foi escrita por Lorenzo Snow, que, mais tarde, chegou a apóstolo e presidente da

Igreja. Conta o Élder Snow que esperava receber o Espírito Santo e ver cumprida a promessa de que saberia se a doutrina era de Deus (Vide João 7:17), imediatamente após a sua imersão nas águas do batismo, aos vinte e dois anos de idade. Mas ele não obteve tal confirmação imediatamente, e começou a preocupar-se se porventura havia feito mal — se Deus estava agastado com ele. Várias semanas depois, enquanto estudava as Escrituras, sentiu-se deprimido e triste. Saiu de casa e ficou andando atormentado pela incerteza e envolvido por "uma indescritível nuvem de trevas". Tinha por hábito ir todas as noites até um pequeno bosque para orar em segredo. Naquele dia, estava tão abatido, que não "sentia nenhuma disposição" para orar. "Os céus pareciam-me como que feitos de bronze", conta ele. Não obstante, forçou-se a orar e logo ouviu um ruído como o "roçagar de vestes de seda" acima da cabeça:

"...imediatamente desceu sobre mim o Espírito de Deus, envolvendo minha pessoa por completo, enchendo-me desde o topo da cabeça até a sola dos pés, e, oh, que alegria e felicidade senti! Não há linguagem capaz de descrever a transição instantânea de uma densa nuvem de trevas mental e espiritual, para a refulgência de luz e conhecimento... Recebi nesse instante, a compreensão perfeita de que Deus vive, que Jesus Cristo é o seu Filho, e da restauração do santo Sacerdócio e da plenitude do Evangelho. Foi um batismo total — uma imersão tangível no princípio ou elemento celeste, o Espírito Santo; e mesmo, mais real e físico em seus efeitos sobre cada partícula do meu organismo do que a imersão na água."

Deus lhe conferira, conclui ele, "aquilo que é de valor superior a todas as riquezas e honras que o mundo pode conceder".

A irmã de Lorenzo Snow, Eliza, autora de alguns de nossos hinos favoritos, e mais tarde presidente da Sociedade de Socorro da Igreja, teve uma experiência semelhante:

"Fui batizada por um élder "mórmon", a 5 de abril de 1835, e naquela mesma noite, senti o batismo do Espírito tão nitidamente quanto o da água no rio. Havia-me recolhido à cama e, enquanto meditava sobre os maravilhosos acontecimentos sucedendo ao meu redor, tive uma sensação indescritível, palpável... começando pela cabeça e engolfando minha pessoa e terminando nos pés, produzindo inexprimível felicidade."

Os registros da Igreja contêm numerosas histórias desses segundos batismos — dessa prova de identidade, dessa cientificação da divina presença. A partir desse momento, a pessoa assim abençoada sabe, com certeza, que Deus vive, que o Evangelho é verdadeiro, que a Igreja é divina, e que o seu potencial para ser exaltado é fortalecido pela sabedoria e retidão com que viver. Quando alguém possui tal convicção, recebeu-a através de ministrações do Espírito Santo.

4

"É apropriado um não-membro participar do sacramento quando comparecer à Igreja a convite meu?"



James E. Faust.
Assistente do Conselho dos Doze.

Durante sua estada entre os nefitas, nosso Senhor ensinou que o sacramento deve ser dado "a todos os que crerem e forem batizados em meu nome", (3 Néfi 18:5) pois o seu sangue foi derramado "por tantos quantos crerem em meu nome". (Mateus 26:29. Versão Inspirada).

O sacramento é, portanto, bàsicamente uma renovação dos convênios feitos nas águas do batismo. É um renascimento para aqueles que tomaram sobre si o nome e a causa de Jesus, aqueles que estão tentando dirigir sua vida para a retidão pessoal em harmonia com ele.

Ainda que apenas destinado aos membros da Igreja, participar do sacramento é uma questão de consciência individual, devendo-se ter o máximo cuidado de jamais ofender investigadores e convidados, proibindo-os de participar. Na maioria dos casos, os convidados compreenderão que participar do sacramento é um símbolo da condição de membro da Igreja.

Água Que Faz Andar as Rodas

"Embora a poluição aquática e atmosférica possa não ser um sério problema em todas as partes do mundo, é uma ameaça crescente. O renomado explorador Thor Heyerdahl encontrou sinais da poluição até mesmo em pleno oceâno. (Ver A Liahona, Set. 1972, pág. 16). O motor a gasolina é considerado uma das principais fontes de poluição atmosférica, e tanto governos como fabricantes estão empregando milhões de dólares no desenvolvimento de novos motores e combustíveis que poluam menos."

Roger Billings, formado em Química pela Universidade Brigham Young, tem obtido notáveis tentos em sua busca de solucionar, prática e economicamente, o problema da poluição atmosférica causada pelos veículos a motor. Com sua última idéia do emprego da água como parte da mistura comburente de hidrogênio e ar, ele acredita ter conseguido o escapamento não-poluidor.

O mais incrível ainda com respeito à invenção de Roger é que o ar que circula pelo seu motor a hidrogênio sai mais limpo do que entra. Atualmente, Roger possui dois carros de demonstração movidos a hidrogênio, um Mazda RX-2 e um Volkswagen. Eles representam muitos anos de pesquisa e perseverança, iniciados quando estava ainda no segundo ano do curso colegial.

"Eu nunca tivera qualquer instrução formal em Química ou Física até aí," recorda Roger. "Depois de ler um livro que explicava como a água podia ser decomposta em hidrogênio e oxigênio pela eletrólise, aprendi que, quando se queima hidrogênio em presença do ar, ele se transforma novamente em água. Contei então a um professor de Biologia que imaginava poder acoplar um dínamo a um motor e utilizar a eletricidade resultante para decompor a água. Depois, usaria o hidrogênio da água como combustível, para tocar o motor. Em seguida, recuperaria os gases de escape para condensá-los novamente em água. Com tal ciclo, achei que o motor funcionaria indefinidamente. Entretanto, naquela época, não tinha conhecimentos suficientes sobre carros, tampouco sobre a simples lei física e da vida que diz ser impossível conseguir algo por nada, como eu estava tentando fazer. Eu esquecera que tinha de conseguir energia de algum lugar e que o dínamo não seria capaz de suprir senão uma parcela do necessário."

Roger começou a estudar Química, e com o agravamento do problema da poluição no mundo, passou a interessar-se mais e mais em ter um carro movido a hidrogênio. Seus esforços nessa área, contudo, continuavam infrutíferos, e assim passou a participar de feiras de ciências com outros projetos, ampliando seus conhecimentos e colecionando prêmios. Durante o último ano do curso colegial, Roger principiou a dedicar mais tempo ao seu motor a hidrogênio.

Certa noite, após meses de ingentes esforços, o engenho começou a funcionar. Tinha agora um motor movido a hidrogênio que funcionava por vinte segundos. Depois de aperfeiçoá-lo, ganhou com ele o primeiro

O ar que circula pelo motor de Roger Billings sai mais limpo do que entra.

prêmio da feira de ciências daquele ano. Em 1966, levou um motor de aeromodelo, movido a hidrogênio, à Feira Internacional de Ciências em Dallas, tirando o quarto lugar. Mas a coisa ficou nisso mesmo, pois Roger foi chamado para uma missão no Brasil, onde o tal motor ainda viria a calhar.

"Um dia, estávamos batendo de casa em casa, quando um homem veio à porta. Diante da pergunta se gostaria de saber mais sobre a Igreja, respondeu que não estava interessado. Ao conversarmos um pouco mais, descobriu meu interesse pelas ciências e sabendo do meu projeto, convidou-nos a entrar.

"Quando voltamos a procurá-lo, ele estava acompanhado de um industrial que queria patrocinar, a mim e meu companheiro, as pesquisas sobre o hidrogênio. Os vizinhos dele eram dois congressistas brasileiros que já estavam prontos a nos levar para a apresentação de nosso projeto diante da assembléia. Era tudo muito excitante, mas eu sabia que minha principal responsabilidade era para com a missão e assim concentramo-nos no Evangelho. Embora aquelas pessoas não se filiassem à Igreja, acho que sentiram o Espírito Santo e quem sabe, algum dia ainda o farão," diz Roger.

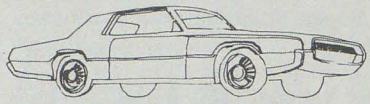


Roger explica a colegas seus como o carburador alimentado a hidrogênio queima as partículas (ou fumaça) e as expele pelo sistema exaustor. (Foto por cortesia de Hal Williams).

"Tenho enfrentado muitos fracassos em minhas experiências, e muitas vezes senti-me tentado a desistir, mas, nesses momentos, havia sempre alguma coisa que me incitava a prosseguir. E como se eu tivesse sido chamado para esse trabalho. Sinto que, sem a influência e ajuda do Senhor, eu nunca teria tido êxito.

"Outra experiência que tive foi com um dos meus primeiros carburadores. Eu costumava soprar vidro e fiz um grande balão, de uns trinta e cinco por trinta e oito centímetros de diâmetro e três milímetros de grossura. Era parte do meu carburador. Como via que o hidrogênio não estava misturando bem, este expediente faria com que se processasse uma mistura perfeita de ar e hidrogênio dentro do balão, dando tempo suficiente para se misturarem e fluírem para o motor. Eu tinha um pequeno instrumento de controle, que devia ser vigiado e manejado, para manter o nível certo da mistura dentro do balão. Este estava ligado a um motor de máquina de aparar grama, e enquanto eu cuidava desta, alguém mais tinha que vigiar o controle de mistura.

"Recrutei meu irmãozinho de dez anos para a tarefa. Estando já tudo preparado, senti que devíamos fazer uma oração. Era o que costumava, antes da maior parte de minhas experiências, porque, na verdade, eu não sabia exatamente o que estava fazendo. Na oração, pedi que fôssemos protegidos e tivéssemos inspiração para saber como agir. Imediatamente, tive uma forte intuição de que devia cobrir o balão, por isso peguei a pesada capa de lona impermeável de meu pai, fechei o zíper e os botões e enfiei-a por cima do balão. Quando dei partida no motor, houve uma **faísca retardada** que seguiu pela perfeita mistura de ar e hidrogênio até o balão. Deu-se aí



"Quando voltei da missão, recomecei a mexer no meu projeto, mas, como estava estudando e trabalhando ao mesmo tempo, eu dispunha de muito pouco tempo para pesquisas. Logo o serviço de fomento da Universidade Bhigham Young passou a interessar-se pelo projeto e elaborou um **cróqui básico** do que eu me propunha conseguir, e encaminharam-no à Ford Motor Company, a qual resolveu patrociná-lo, dizendo que, se os resultados fossem auspiciosos, considerariam um futuro subsídio.

"Todos nós sabemos que o Senhor está muito próximo e que, em muitas ocasiões, podemos receber inspiração. Uma das experiências das muitas que tive foi conversar com um cientista muito douto, um engenheiro mecânico. Ele disse-me que era impossível fazer funcionar um motor a hidrogênio, citando uma extensa lista de razões. Fiquei desanimado, pois se tratava de homem bastante instruído, mas ainda assim fui para casa e orei a respeito. Ao final da prece, eu sabia apenas que ele estava errado. Eu sabia que tinha possibilidades e que o engenho **iria** funcionar.

tremenda explosão, e a capa ficou em frangalhos, mas nem eu nem meu irmãozinho, que estava ajoelhado perto do balão, ficamos feridos. Tenho uma coleção de experiências como esta em que fui ajudado por Deus.

"Penso que todo cientista SUD leva enorme vantagem sobre qualquer outro, porque temos não só a diligência de buscar como também a chave da inspiração. Creio que sempre que um cientista descobre seja o que for, ele contou com ajuda, porque o Senhor quer tornar conhecido determinado conceito, e considera a pessoa merecedora, trabalhou com bastante empenho, ou por alguma razão que só ele conhece, decide que deve ser ela. Se nos mantivermos achegados ao Senhor e vivermos o Evangelho, estaremos em posição ideal para sermos um profeta ou revelador no campo da ciência física.

Roger diplomou-se na Universidade de Brigham Young, em maio de 1972, e tem usado o Mazda e o Volkswagen para demonstrar seu invento. Praticamente todo carro em uso na atualidade poderia ser convertido para funcionar com hidrogênio, visto que o tanque de gasolina, tubulação e carburador podem ser utilizados para injetar água no motor. A mistura água-ar é, mais adiante, misturada com hidrogênio ao entrar no cilindro. Roger não prevê nenhum problema com corrosão pela água no motor ou carburador. "Afinal," diz ele, "já se faz circular água pelo motor para resfriá-lo e, além disso, a pressão forçará a saída da água. O carburador não será corroído. Talvez tenhamos que providenciar um revestimento especial no interior do tanque e da tubulação, mas isto já é procedimento quase normal nos carros de hoje."

É assim que funciona um motor a hidrogênio, segundo Roger. O único sub-produto da combustão do hidrogênio é puro vapor d'água e compostos de óxido de nitrogênio. Com muita pesquisa e técnica, Roger conseguiu reduzir o nível de óxidos de nitrogênio nos motores a hidrogênio para uma parte por milhão, em comparação às quarenta parte por milhão nos mais aperfeiçoados motores a gasolina. E essa uma parte por milhão do motor de Roger é movida por um conversor catalítico.

"Quando os hidrocarbonetos e monóxidos de carbono (poluidores de outros carros) existentes no ar são aspirados pelo motor, são reduzidos a água e dióxido de carbono pelo processo de oxidação, de modo que o nível desses poluidores é de fato reduzido," explica ele.

"O hidrogênio pode ser produzido a preço competitivo com o da gasolina", assegura Roger. É possível produzí-lo com a energia secundária de um reator atômico, ao custo de dez centavos de dólar por mil pés cúbicos. Contudo, não há suficiente disponibilidade de energia atômica para tal produção; outros métodos de produção de hidrogênio são mais dispendiosos, mas ainda competitivos.

As objeções ao hidrogênio como combustível prendem-se à segurança. Roger, todavia, afirma não ser necessário usar um tanque sob pressão a baixa temperatura. Os **Brookhaven National Laboratories** de Nova York demonstraram um tanque que armazena hidrogênio em forma de hidreto metálico, de modo que o gás é libertado quando necessário, ficando seguramente armazenado quando o veículo não está em movimento.

Roger vem trabalhando ultimamente com William Lear, eminente inventor e industrial, produtor do jato **Lear,** estéreo de 8 faixas, rádio para carro, e piloto automático para aviões. Juntos, estão aperfeiçoando o motor a hidrogênio e trabalhando num carro a vapor.

A respeito de seu trabalho e planos futuros, diz Roger: "O motivo principal de minha pesquisa é algum dia ficar em posição de poder prestar meu testemunho da veracidade do Evangelho com mais força diante dos influentes círculos científicos.

"Aprendi algumas coisas do modo mais duro. Primeiro, estabelecer um objetivo elevado e acreditar nele de fato, como minha meta de fazer aquele motor funcionar. Eu não tinha nenhuma qualificação, nenhum treinamento naquele campo. Poderia parecer que eu era a pessoa errada, mas possuía aquela meta e fiz os estudos necesários para alcançá-la. Ainda tenho uma porção de metas que ainda não consegui atingir, mas, durante as tentativas, superei muita coisa que, de outra forma, teria sido incapaz. Meu maior objetivo científico é algum dia organizar um centro de pesquisa para controle da poluição atmosférica, sem fito de lucros.

"Também aprendi a ser simples em contato com muitos cientístas SUD. Como são humildes e sinceros aqueles que realizaram grandes feitos meritórios!

"E por último, é preciso acreditar em sí próprio. Uma vez atingida nossa meta, olhamos para trás e compreendemos por que fizemos aquilo, quem está por trás de nós e que, sem Deus, não somos realmente quase nada."

O Volkswagen a hidrogênio de Roger arrebatou o primeiro lugar na categoria anti-poluição da **Urban Vehicle Design Competition** (Competição de Projeto de Veículos Urbanos. N. do T.) de âmbito nacional, recentemente realizada em Washington D.C.

Seu carro superou de longe as marcas federais, conquistando 709 pontos de 750 possíveis. Um carro da UCLA (Universidade da Califórnia, em Los Angeles) tirou o segundo lugar, com 546 pontos.

Mais de dois mil estudantes, de sessenta e três universidades participaram dessa competição. Carros dos Estados Unidos e do Canadá foram julgados quanto à segurança, custo para o consumidor, dirigibilidade, resistência e pureza da descarga.

Ela Ainda Ensina do Passado

Beth C. Paullin

A Irmã Paullin, dona de casa e mãe de quatro filhos, vive na Ala de Palos Verdes, Estaca de Torrance (Califórnia), onde serve como líder "em-serviço" na AMM da estaca.



Mais tarde na vida, talvez, tenha recebido chamados para lecionar, mas na época em que mantinha um diário, vovó não era professora — não no sentido formal.

E no entanto, é nessa minha avó, que nunca cheguei a ver, que penso ao considerar o sentido profundo do título da aula que devo dar: "Você Ensina o Que É."

Ela parece contente, até mesmo um pouco travêssa, nesse instantâneo enviado por um velho amigo da família. É de 1904, cinco anos depois de ter escrito o diário, e mostra-a numa excursão com sua família. Está elegantemente trajada com um chapéu da moda, mangas balão e amplas saias. Na outra ponta do grupo, aparece meu pai, então com seis anos de idade, antecipando sorridente as alegrias do dia.

Minha mente guarda outras imagens contrastantes dessa minha avó. Uma moça pálida e séria junto da janela, curvada sobre seu trabalho de costura; depois, uma jovem senhora sentada à mesa escrevendo, com uma lamparina tremeluzente desenhando sombras na parede do fundo.

Como faleceu antes de eu ter nascido, esse instantâneo e as raras fotografias que temos de Alice Amelia Chandler são de grande valor para mim. Porém, de valor ainda maior, eu reputo a fonte daquelas imagens mentais e as lições que continua ensinando à família — o diário que manteve durante dois importantes anos de sua vida.

É o ano de 1897. Alice está casada há poucos meses e espera um bebê — meu pai. Seu marido, George Anderson Chandler, foi chamado e aceitou fazer missão na Califórnia. No seu primeiro apontamento, ela descreve a partida dele de Ogden, Utah, acrescentando que a família dela procurou animá-la. Assim diz: Mostrei-me tão bem quanto se pode esperar. Recolhi-me às nove horas, sentindo-me grata por ter um marido considerado digno de ir pregar o Evangelho".

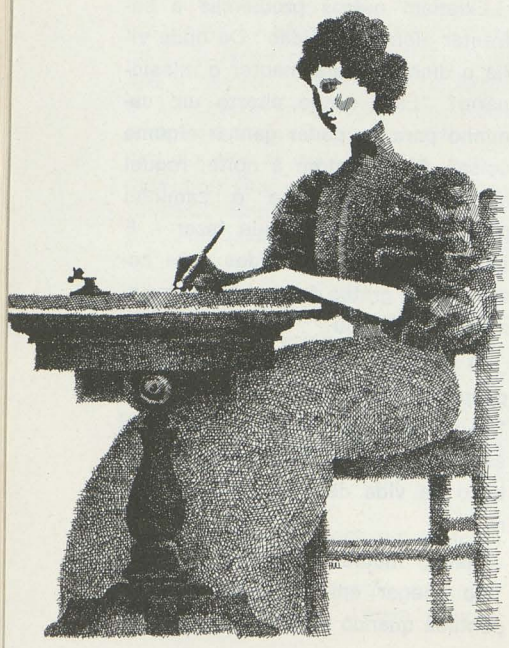
Ela manteve bom ânimo, ocupada com tarefas caseiras e a família. Mas uma noite, depois de vender entradas para uma festa em benefício de outro missionário, ela voltou para casa, amassou pão e foi para a cama, mas não para dormir: "Fiquei pensando em George, imaginando onde estaria, o que sentia, e ansiando por vê-lo, porque me sentia só."

Existiam outros problemas a enfrentar além da solidão. De onde viria o dinheiro para manter o missionário? "Está sendo aberto um caminho para eu poder ganhar alguma coisa. Ainda ontem à noite, roguei ao Senhor que abrisse o caminho para eu conseguir o que fazer. E hoje, recebi dois vestidos para coser. Quão gratos todos nós deveríamos ser. Eu sou."

O trabalho e os deveres na Igreja ocupam a maior parte do tempo, mas "eu procuro ler um pouquinho todas as noites. Estou estudando um esboço da vida de Mary A. Livermore..."

Havia momentos de depressão: "Ao chegar em casa, fiquei desapontada quando veio o carteiro, sem

Ela Ainda Ensina...



ter nenhuma carta para mim...", e mudanças: "21 de outubro [1897] foi um dia importante. A Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças da Ala III [Ogden] foi reorganizada, passando Alice Chandler a conselheira da presidente."

Às vezes, fica imaginando se o marido "tem uma cama onde dormir, se terá alguma coisa para comer, onde e como estará. Eu oro por ele o dia inteiro, e de noite sonho com ele."

Sua condição não era de prosperidade, porém havia outros mais necessitados: "À tarde, fui visitar os pobres e enfermos."

Muitos apontamentos repetem apenas três palavras: "Costurei o dia todo."

A despeito da pressão de outras obrigações, mostrava-se ativa no Partido Republicano e se interessava pelos assuntos cívicos: "Fui a um comício no Teatro Lírico, convocado para discutir a criação de uma usina açucareira. Foram levantados dez mil dólares ali mesmo."

Recebe sempre cartas do marido e no primeiro Natal que passam separados, ele "me mandou conchas do mar, duas grandes e um punhado de pequenas, três lenços, um par de luvas e o melhor de tudo, cinco lindos botões de rosa."

Alice conseguiu mandar-lhe "uma caixinha de papel de carta e lenços".

Ela é bastante precisa ao registrar um importante acontecimento ocorrido a 4 de março de 1898: "Dei à luz um belo garoto, às vinte para as duas da tarde. Ele pesou nove libras."

Trabalho constante é o tema corrente de seu diário: trabalho ocasionalmente interrompido por reuniões na Igreja e saídas com a família. Ela é sustentada por uma fé que venceu a solidão e monotonia da sua vida. O advento do Ano Novo, 1898, inspira-a a escrever: "Estou aqui escrevendo, é uma hora do ano de 1898. Ouvi os sinos distantes badalando as despedidas do ano velho e a chegada do novo. Possa este ano ser tão auspicioso como o passado, e a minha vida tão imaculada quanto esta página na qual escrevo. Que eu possa viver humilde e piedosamente, para que o Espírito de Deus possa habitar em mim e dar-me força de superar diàriamente algumas de minhas falhas, a fim de que minha luz brilhe de tal modo, que eu seja digna de ter meu nome inscrito nos livros da Vida Eterna..."

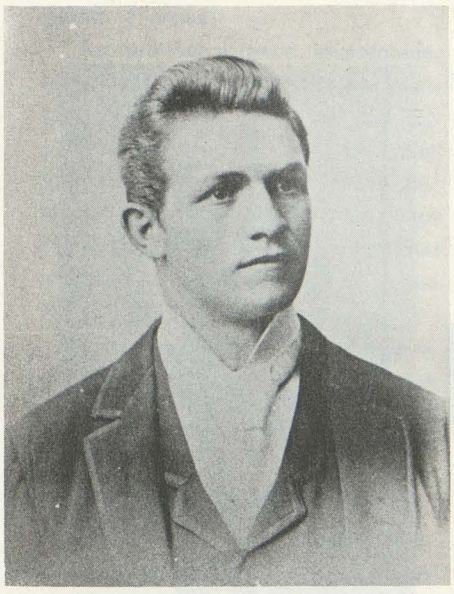
A tinta nas páginas desse velho diário está esmaecendo. Sua vetusta capa negra está puída e escamando. Eu o comparo ao tesouro de idade semelhante deixado por outro parente: algumas peças de um aparelho de porcelana Limoges. Sou muito grata por esses lindos pratos e me maravilho que continuem inalterados pelos anos E, no entanto, sua superfície reluzente e delicada não guarda nenhum traço de quem os legou.

Sou imensamente agradecida pelo legado vivo deixado pela minha humilde Vovó Alice, sem pendor para as letras nem conhecida pelo mundo, mas que, com seu diário, transpõe os anos para nos dar lições nas qualidades que eram suas: engenhosidade, perseverança, bravura e fé.

DAVID O. McKAY

O Valor de Uma Alma

Leon R. Hartshorn



Quando moço.

Hoje em dia, todos se preocupam com comprometimento — comprometimento à excelência, à sinceridade, ao valor da alma individual. David O. McKay também estava assim comprometido, mas com o amor ao Evangelho, que dava sentido e orientação a seus nobres instintos.

Já na sua primeira infância, em Huntsville, Utah, onde se criou fazendo-se homem na fazenda paterna, ele aprendeu pelo exemplo de seus pais que o Senhor e a sua obra deviam ter prioridade na vida de uma pessoa. Aos oito anos de idade, morreram suas duas irmãs mais velhas, e pouco tempo depois, o pai foi chamado a cumprir uma missão de dois anos na Escócia. A Irmã McKay estava para dar à luz dentro de dez dias, a fazenda tinha que ser cuidada, e a família precisava de alimentos. Mas a Igreja vinha primeiro. Era uma prova de fé, de compromisso. Ao montar no cavalo para partir, o Élder McKay ergueu o filhinho nos braços, deu-lhe um beijo de despedida e disse:

— David, tome conta da mamãe e da família.

Daquele dia em diante, um excepcional senso de responsabilidade parecia pesar sobre o jovem David.

O Presidente McKay recorda outra lição vivida na mocidade:

"Agradeço ao meu pai terreno a lição que deu a dois garotos num campo de feno, numa época em que o dízimo costumava ser pago em espécie. Estávamos a caminho do campo para pegar a décima carga de feno e dirigímo-nos para a parte onde transportaríamos a nona carrada, lugar em que havia "capim duro" e "capim de brejo". Quando íamos come-



Durante seus anos de universidade, jogou futebol americano, tocou piano numa orquestra de dança e foi eleito presidente da classe no último ano.



David McKay com sua noiva, Emma.

Durante sua primeira missão na Escócia.



Em qualquer idade, tinha que ser considerado de boa aparência.





çar a carregar o feno, papai gritou: 'Não, rapazes, levem o carro para a parte mais alta.' Ali crescia o capim rabo-de-rato e capim panasco. Mas um dos garotos retrucou, (e fui eu): 'Por que não carregar o feno como vem?'

"Não, David, esta é a décima carrada, e o melhor não é demais para Deus."

Ele foi muito bem ensinado pelos pais, porém, como garoto adolescente, desejava obter seu próprio testemunho pessoal da realidade de Deus e de sua obra.

"Um dia, quando jovem, eu estava procurando algumas cabeças de gado. Durante a subida de íngreme colina, parei para deixar meu cavalo descansar, e ali, mais uma vez, sobreveio-me intenso desejo de receber uma manifestação da veracidade do Evangelho restaurado. Desmontei, joguei as rédeas sobre a cabeça do cavalo e, ali mesmo, à sombra de uma sorveira, orei a Deus para que me confirmasse a veracidade de sua revelação a Joseph Smith. Estou certo de haver orado fervorosa e sinceramente, e com tanta fé quanto um garoto é capaz.

"Ao terminar a prece, levantei-me, peguei as rédeas da minha fiel montaria e subi à sela. Ao reiniciar minha caminhada, lembro-me de haver dito a mim mesmo: "Não recebi nenhuma manifestação espiritual. Para ser honesto, devo dizer que continuo exatamente o mesmo ser de antes da oração".

Ele havia aprendido uma grande lição. Um jovem SUD não consegue convicção com uma mera pergunta ao Senhor, mas combinando isto com trabalho, serviço, sacrifício e obediência aos mandamentos de Deus.

Ele continuou a trabalhar na fazenda e, mais tarde, foi para a Universidade de Utah. Durante seus anos de faculdade, jogou futebol americano, tocou piano numa orquestra de dança e foi eleito presidente da classe no último ano do curso. Próximo a formar-se, fez seus planos profissionais, porém, pouco antes da entrega do diploma, recebeu uma carta do Presidente Wilford Woodruff, chamando-o para uma missão na Grã-Bretanha. Era uma decisão importante — e ele lutou com ela exatamente como acontece aos moços de hoje. Todavia, sua atitude final foi deixar de lado seus planos e aceitar o chamado.

Os primeiros meses na missão escocesa, para onde fôra designado, não se mostraram fáceis, como acontece a muitos missionários. Ele descreve aquela época deprimente e a resultante renovação de comprometimento para com o Senhor, nestas palavras:

"Naquele dia, sentia-me saudoso de casa e um pouco desanimado. Uma senhora escocesa observara quando lhe entreguei um folheto: "É melhor que volte para casa, pois não vai conseguir nenhuma de nossas garotas!".

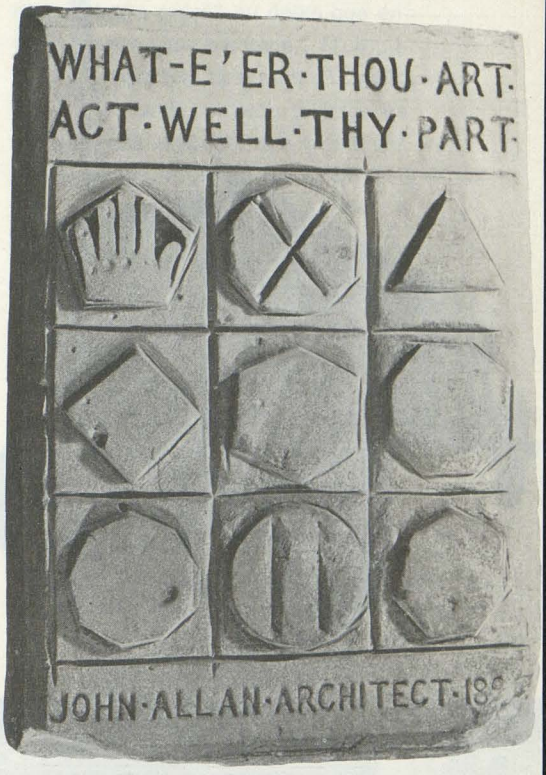
"Nem eu queria uma das garotas deles. Tinha alguém esperando por mim lá em casa. Mas ver aquela má vontade que tinham para com os mórmons deixara-me deprimido. Que noção mais preconcebida eles faziam do nosso propósito ali!

"Eu Acabara de me formar. Adorava a escola e gostava imensamente de gente jovem. Eu amava a mocidade. E depois, ir para lá e sentir tal antipatia e preconceitos, deixavam-me assim abatido.

"Eu estava com Peter G. Johnston, um dos amigos mais sinceros em todo o mundo. Era de Idaho, um homem experiente, abastado, um amante de todas as coisas belas. Eu era afortunado por tê-lo como companheiro...

"Ao voltarmos à cidade, vi à minha direita um edifício não terminado, sobre cuja porta de entrada

A pedra com inscrição: "Seja onde for, cumpre bem o teu dever."



havia uma inscrição feita na pedra. Isto era bastante incomum e, assim, disse ao Élder Johston: 'Vou até lá para ver o que diz.' Eu não chegara ainda à metade do caminho de cascalho que levava à casa, quando fui atingido por esta notável máxima talhada na pedra: **"Seja onde for, cumpre bem o teu dever.**

"Repeti-a ao Élder Johnston ao prosseguirmos para a cidade, a fim de encontrar um quarto de aluguel numa casa particular, antes de iniciarmos nosso trabalho. Andamos calados, mas eu dizia a mim mesmo, ou, quem sabe, o Espírito dentro de mim: "Você é membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. E mais ainda, você está aqui como representante do Senhor Jesus Cristo. Você aceitou a responsabilidade de representar a Igreja."



O garoto David transportou uma porção de cargas nesta carroça da fazenda paterna.



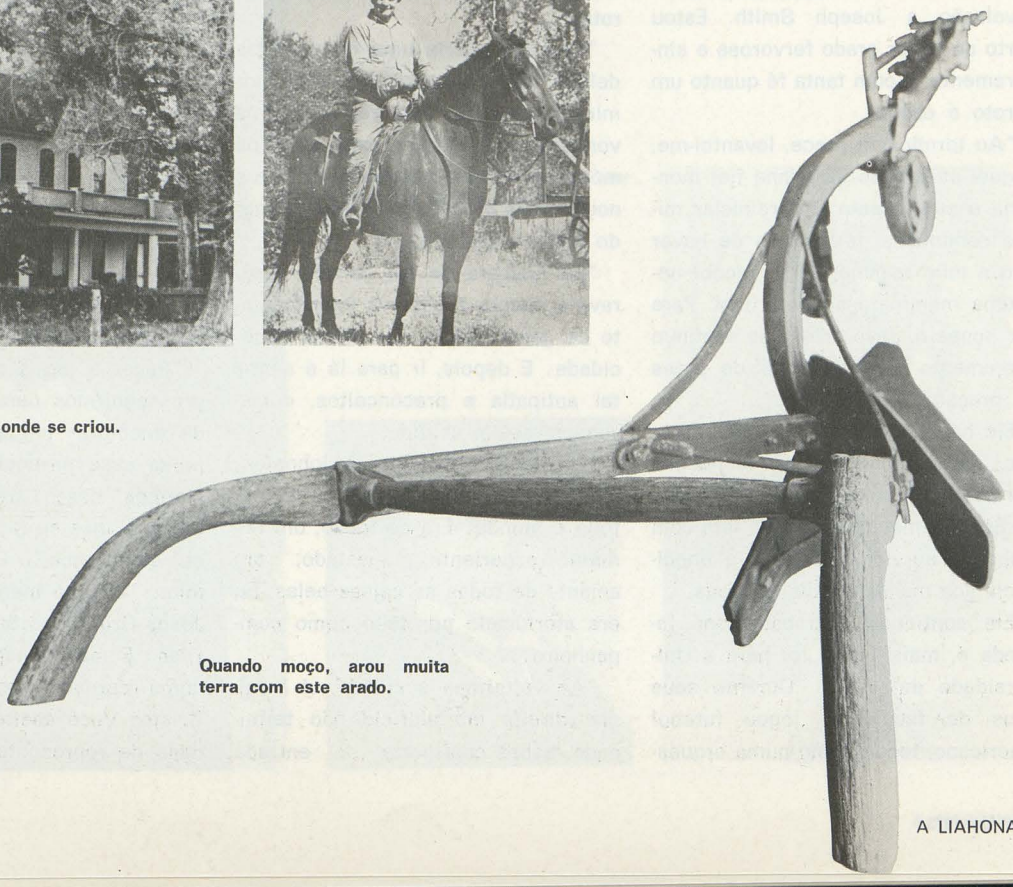
Em companhia de amigos, por volta de 1900. De capote escuro, no assento de trás.

Era um grande aficcionado de cavalos. Foto tirada em 1944.



A casa em Huntsville, onde se criou.





Quando moço, arou muita terra com este arado.

"Então, lembrei-me do que havíamos feito naquela manhã: Um giro turístico pela redondeza — colhêramos alguns conhecimentos e informações históricas, é bem verdade, e eu ficara impressionado, pois acabara de estudar a "Dama do Lago" na Universidade. Não obstante, aquilo não era trabalho missionário.

"Naquela mesma tarde, por volta da hora em que conseguimos alojamento, aceitei a mensagem encontrada naquela pedra, e daquele momento em diante, procuramos fazer a nossa parte como missionários na Escócia."

Terminada sua missão na Escócia, casou-se com sua namorada de faculdade. Numa fria manhã de janeiro de 1901, ele e Emma Ray Riggs chegavam ao Templo de Salt Lake, numa carruagem puxada por cavalos, para ali celebrarem o convênio matrimonial diante do Senhor. As promessas recíprocas de amor e honra foram tão bem mantidas entre eles, que,

mais de sessenta anos depois, o apartamento deles no Hotel Utah era chamado carinhosamente como a **suite** nupcial. "Sessenta e nove anos não se constituem em tempo demasiado para uma lua de mel," concordavam. "Particularmente quando se planeja um casamento eterno."

Ele então passou a lecionar na Academia Weber em Ogden, Utah, de propriedade da Igreja, tornando-se depois seu diretor, superintendente da Escola Dominical da estaca e, em 1916, com apenas trinta e nove anos de idade, membro do Conselho dos Doze. Serviu com grande energia em muitos cargos — superintendente geral das Escolas Dominicais, comissário educacional da Igreja, presidente da Missão Européia. Aos sessenta e um anos, foi escolhido para conselheiro do Presidente Heber J. Grant, ocupando o mesmo cargo na gestão do Presidente George Albert Smith.

Na conferência de abril de 1951, aos setenta e oito anos de idade, David Oman McKay estava de pé, no púlpito do Tabernáculo, na Praça do Templo, falando à congregação ali reunida. Acabava de ser apoiado unânimemente pelos santos como profeta, vidente e revelador.

"Meus irmãos, irmãos das Autoridades Gerais, que Deus nos conserve unidos, sobrelevando eventuais fraquezas, mantendo os olhos únicamente na glória de Deus e na promoção de sua obra.

"E agora para os membros da Igreja. Todos nós necessitamos da vossa ajuda, vossa fé e orações; não de vossas críticas adversas, mas de vossa ajuda. Podeis fazê-lo em oração, se não conseguis alcançar-nos em pessoa. A potência dessas orações em toda a Igreja eu pude sentir ontem, ao receber uma carta de um vizinho de minha velha cidade natal. Ele estava ordenhando as vacas, quando ouviu pelo rádio que tinha no estábulo, a notícia do passamento do Presidente Smith. Ele percebeu o que isto significaria para seu ex-concidadão, e assim, deixou o estábulo e foi para a casa e contou à esposa. Imediatamente, reuniram seus filhinhos e, suspendendo suas atividades, ajoelharam-se em seu humilde lar para orarem em família. A significância dessa oração eu deixo que entendeis por vós mesmos. Multiplicai-a por cem mil, duzentos mil, meio milhão de lares, e vede a força na união e nas orações, e a influência sustentadora no corpo da Igreja..."

A gestão do Presidente McKay, à semelhança de sua vida pregressa,



Tirada por volta de 1923, enquanto presidiu a Missão Européia. O garoto é um de seus filhos.



A Irmã McKay acompanhava o presidente com freqüência em suas viagens. Esta é a cidade de Nova York.



foi repleta de feitos notáveis. Ele e a Irmã McKay visitaram nação após nação, abençoando igualmente membros e não-membros. Iniciaram-se as construções de templos em muitos países, as atividades missionárias se expandiram, a congregação da Igreja cresceu. Um forte espírito de progresso parecia cativar todo mundo, surgindo crescente boa-vontade para com os mórmons.

Mas foi o seu comprometimento de querer a toda pessoa em particular que emocionava os membros da Igreja. Certa vez, uma classe de jovens da Escola Dominical viajou uns bons quilômetros para fazer-lhe uma visita, marcada com antecedência, mas ele acabara de sair correndo para o hospital, onde seu irmão, Thomas E. McKay, estava à morte. No domingo seguinte, a quilômetros do seu escritório, ouviu-se uma batida na porta da sala de aula da Escola Dominical. Quando a professora atendeu, ali estava o Presidente McKay. Viera para conhecer a classe e pedir desculpas por ter saído no dia marcado para a visita.





David O. McKay sempre se mostrava caloroso e receptivo.

Depois de explicar por que não estava no escritório naquele dia, ele trocou um aperto de mão com a professora e cada uma das crianças, dizendo: "Quero que saibam que o presidente da Igreja faz todo o possível para cumprir seus compromissos."

Essa profunda preocupação com nossa conduta para com **qualquer** pessoa ao nosso redor é uma das grandes lições ensinadas pelo Presidente McKay. Na viagem à Europa para dedicar os lotes para a construção dos templos na Suíça e na Inglaterra, o Presidente McKay viu-se assediado por jovens ingleses, ávidos por um autógrafo seu. A primeira na fila era uma garotinha de uns nove anos. Ela perguntou ao filho dele, que o acompanhava: "Será que o Presidente McKay me daria seu autógrafo?" O filho, achando que o pai estava cansado demais, começou a dissuadi-la, mas o Presidente McKay, ouvindo o diálogo, virou-se para ela e perguntou jocosamente: "Você acha que consigo escrever com clareza suficiente para você entender?" A menina ficou na dúvida se era sério ou não e encabulou. Nesse momento, um assistente interveio com uma pergunta importante, seguindo-se uma conversa de vários minutos. Quando o Presidente McKay voltou-se novamente para a mesa, a fim de começar a dar autógrafos, a garotinha havia desaparecido.

"Jamais vi papai tão perturbado," conta o filho. "Por favor, encontrem a garota de vestidinho azul", ordenou. "Tenho certeza de que teve a impressão de que eu não queria assinar seu livro. Ela interpretou mal as minhas palavras. Vocês têm que achá-la!" Não demorou muito, presidentes de ramo e da missão estavam atrás de uma garotinha de azul. Mas a procura foi em vão. Finalmente, um missionário pensou saber quem era a tal menina. Telefonou ao

Presidente McKay naquela mesma noite e recebeu as seguintes instruções: "Diga à garotinha que eu sinto não tê-la atendido e que pedi ao presidente do ramo que me enviasse o livro dela pelo correio à Cidade do Lago Salgado. Eu darei meu autógrafo e o devolverei diretamente a ela." E foi o que fez!

O valor de uma alma! O Presidente McKay achava que toda coisa vivente merece nosso respeito e atencioso cuidado. Ele sentia assim até mesmo quanto aos animais e aves, e gostava de visitar freqüentemente sua fazenda em Huntsville para montar e cuidar de seus cavalos. Anos antes, alguém invadira a fazenda, roubando as selas do Presidente Mc Kay. Quando foram substituídas por selas novas, a sala de arreios passou a ficar trancada a chave. Um dia, passando pela fazenda para ver como iam as coisas, as irmãs dele viram uma das janelas da sala de arreios aberta e, querendo evitar novo furto, trataram de fechá-la. Quando soube por elas o que haviam feito, disse gentilmente: "Eu deixei a janela aberta de propósito, porque há um ninho dentro da sala e não existe outro lugar para os pais entrarem e alimentar os filhotes. Acho que ainda tenho tempo de dar um pulo até lá." Ele foi, abriu a janela e, ao voltar, disse com jeito afável: "Foi exatamente como eu esperava — um dos passarinhos estava do lado de fora, tentando entrar, e a fêmea encontrava-se dentro, procurando como sair."

Enquanto era membro do Conselho dos Doze, o Élder McKay tinha um enorme varrão chamado César. Num domingo de manhã, César conseguiu fugir do seu cercado. Não tendo tempo de consertar a cerca antes de pegar o trem, Élder McKay meteu-o no galinheiro, mas esqueceu-se de avisar os filhos. Naquela noite, às duas da madrugada, a família McKay foi despertada pelo chamar insistente do telefone. Quando atenderam, temendo alguma mensagem trágica, foi-lhes transmitido o texto de um telegrama: "César no galinheiro. Dêem água!"

O porte, nobreza e dignidade do Presidente McKay e o seu amor ao Mestre a quem servia, eram evidenciados em cada palavra proferida e em tudo o que fazia. Mas o que se tornara devido ao seu comprometimento com o Evangelho era evidente até mesmo quando se sentava, sem nada dizer. O incidente a seguir é contado por um homem que conheceu o Presidente McKay, quando este retornava de uma de suas viagens à Europa.

"Lembro-me de estar em Nova York, quando o Presidente McKay voltou da Europa. Haviam-se feito arranjos, para que fôssem tiradas fotografias, mas o fotógrafo habitual não pôde ir, e assim, em desespero de causa, a **United Press** mandou seu fotógrafo policial — homem acostumado ao pior tipo de trabalho em Nova York. Ele foi para o aeroporto, demorou-se ali por duas horas, e posteriormente, saiu da câmara escura com uma pilha enorme de fotos. Ele devia tirar apenas duas. Seu chefe imediatamente o censurou: "O que você está pensando, desperdiçar tanto tempo e todo esse material fotográfico, p'ra quê?"

"O fotógrafo replicou, sem muitos rodeios, que teria prazer de pagar o material extra e que podiam até descontar-lhe do salário o tempo a mais. Era óbvio que estava muito suscetível. Horas mais tarde, o vice-presidente chamou-o ao seu escritório, querendo saber o que acontecera. O fotógrafo policial então declarou: "Quando eu era garotinho, mamãe costumava ler para mim o Velho Testamento, e durante toda a minha vida, fiquei imaginando como devia parecer-se um verdadeiro profeta de Deus. Bem, hoje encontrei um dedes.!"

Ele foi um profeta que via o lado bom em todo mundo e realmente se importava com as pessoas.

Datas Marcantes na Vida de David O. McKay

(1873 - 1970)

8 de Set.	Idade	
1873	—	Nasc. em Huntsville, Utah.
1897	24	Forma-se pela Universidade de Utah; presidente da classe e orador da turma.
1897-99	24-26	Missão na Grã-Bretanha.
1899	26	Membro do corpo docente da Academia da Estaca de Weben.
1901	27	Desposa Emma Ray Rigss.
1906	32	Ordenado apóstolo; torna-se segundo assistente do superintendente da Escola Dominical.
1917	44	Escreve o primeiro livro, **Os Apóstolos Antigos.**
1918-34	45-61	Superintendente geral da Escola Dominical.
1919-21	46-48	Comissário educacional da Igreja.
1920-21	47-48	Percorre as missões no mundo inteiro.
1922-24	49-51	Preside a Missão Européia.
1934-51	61-78	Segundo conselheiro na Primeira Presidência.
1951	78	Apoiado presidente da Igreja.
1955	82	Dedica o Templo da Suíça.
1956	83	Dedica Templo de Los Angeles.
1958	85	Dedica o Templo da Nova Zelândia, Escola Superior da Igreja da Nova Zelândia, Templo de Londres e Escola Superior da Igreja do Havaí.
1961	88	Início do programa de correlação da Igreja.
1964	91	Dedica o Templo de Oakland.
18 de Jan. 1970	96	Falece.

